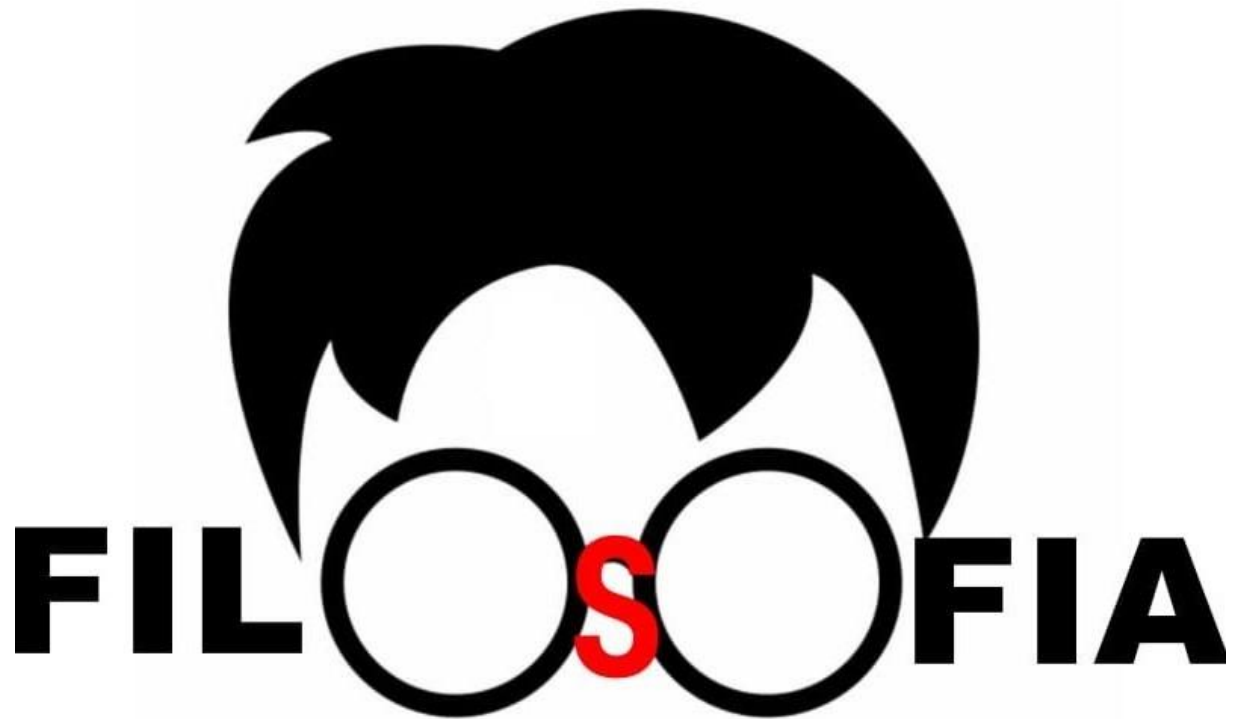


LITERATURA FANTÁSTICA E
ENSINO DE



UMA PROPOSTA PARA
O ENSINO MÉDIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE MESTRADO PROFISSIONAL EM
FILOSOFIA

MARIA DE JESUS GONÇALVES DOMINICI

**LITERATURA FANTÁSTICA E ENSINO DE FILOSOFIA: UMA PROPOSTA PARA
O ENSINO MÉDIO**

São Luís

2020

MARIA DE JESUS GONÇALVES DOMINICI

**LITERATURA FANTÁSTICA E ENSINO DE FILOSOFIA: UMA PROPOSTA PARA
O ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do
Mestrado Profissional em Filosofia da UFMA, sob a
orientação do Prof. Dr. Plínio Santos Fontenelle.

São Luís

2020

DOMINICI, MARIA DE JESUS GONÇALVES.

Literatura fantástica e ensino de filosofia: uma proposta para o Ensino Médio / MARIA DE JESUS GOSNÇALVES DOMINICI. – 2020

86 f.

Orientador (a) Plínio Santos Fontinelle.

DISSERTAÇÃO (MESTRADO) – Programa de Pós-graduação em Rede – Mestrado profissional em Filosofia / cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís 2020.

1. Ensino de Filosofia. 2. FILOSOFIA. 3. LITERATURA. 4. LITERATURA FANTÁSTICA. I Santos Fontinelle, Plínio. II Título

MARIA DE JESUS GONÇALVES DOMINICI

**LITERATURA FANTÁSTICA E ENSINO DE FILOSOFIA: UMA PROPOSTA PARA
O ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, como cumprimento de exigência para obtenção do título de mestre em Filosofia. Linha de pesquisa: Filosofia e Ensino.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Plínio Santos Fontenelle (Orientador)

Prof. Dr.^a Maria Olívia Serra (Prof-Filo)

Prof.^a Dr.^a Naiara Sales Araújo Santos – (PGLetras)

À minha amada mãe, exemplo de fé e
determinação;

Ao meu querido Roger, companheiro de todas
as horas.

AGRADECIMENTOS

Nem todo caminho que percorremos é adornado de rosas e pedrarias brilhantes. Em muitos momentos, passamos por estradas tortuosas, adentramos túneis sombrios e lidamos com tempestades violentas. As batalhas enfrentadas durante o percurso do mestrado me fizeram, muitas vezes, parar e pensar em desistir, no entanto a amizade, o amor e o companheirismo de seres iluminados que se fizeram presentes em minha vida permitiram que eu chegasse até aqui. Em especial, agradeço:

À CAPES, pelo incentivo financeiro que viabilizou o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa.

À minha muito amada mãe, Silma Maria G. Dominici, que, desde o início da minha jornada acadêmica, esteve presente e certa do meu sucesso.

Ao meu pai, José Cândido P. Dominici, meu anti-herói, pois apesar de ser meu querido e amado pai, é, também, um ser em construção, alheio à perfeição.

Ao meu amado futuro esposo, Roberval Roger S. da Conceição, meu refúgio, meu companheiro e confidente.

Aos amigos que conquistei durante os anos de trabalho no Centro Educa Mais Almirante Tamandaré: Marcelo de Souza Fortaleza, Karini da Silva Pinto, Doumary de Cássia Serpa, Elcy Nogueira Garcia, Henrique Leandro Pereira, Maria da Graça dos Santos, José Ribamar Costa Wolff, Paulo Gabriel Ribeiro Calvet, Ilma de Jesus Santos e Maria Alice Moraes, que são seres de coração gigante e que sempre estiveram prontos a me amparar nas dificuldades e sofrimentos. Obrigada pelo incentivo para percorrer outros caminhos, por todos os conhecimentos compartilhados, todos os direcionamentos, estímulos, por terem me ajudado e por acreditar em mim sempre. Vocês são seres de luz.

À Carmen Praseres, não apenas parceira de disciplina, mas meu conselho diário no âmbito escolar e na vida, meu exemplo de profissional e mulher, pessoa pela qual tenho enorme respeito e amor incondicional. A esta mulher de extrema bravura e coragem, pelo apoio e por ser quem é, a minha gratidão eterna. Amo você!

Ao meu segundo pai, Mário de Almeida, pela afeição, amabilidade, apoio e abraço sempre pronto para acolher.

Aos gestores da escola campo, Christiane Praseres Lima Cunha e Gaudino Marcos Cantanhede Gusmão, pela paciência, compreensão e auxílio na aplicação da pesquisa.

Ao meu querido e paciente orientador, Professor Dr. Plínio Fontenelle, que me prestou toda solidariedade e carinho ao longo desta jornada além de orientação segura; por ser a semente

e a ponte do meu percurso acadêmico, por ter acreditado em mim, por descortinar um mundo maravilhoso e acreditar em meu projeto. Obrigada por toda preocupação, pela liberdade durante a minha escrita, pela amizade, direcionamento e por estar nessa jornada comigo. Sou grata por chegarmos até aqui.

Aos professores do Mestrado Profissional em Filosofia, pelo acompanhamento, humanidade e profissionalismo admirável. De uma maneira bastante singular, essa postura também me ajudou a tecer essa dissertação. Agradeço a generosidade, o carinho, a simpatia, a preocupação e as valiosas observações durante a jornada e para desenvolvimento da pesquisa. Obrigada por fazerem parte do corpo docente e pela valiosa contribuição.

Aos professores que participaram da banca de qualificação, pela gentileza, indicações de leituras e sugestões que muito me fizeram pensar no momento de reconstrução do texto.

À secretaria do curso, por sempre atender aos meus pedidos e por toda vontade em me ajudar, tanto em palavras de força, como nos assuntos administrativos.

Aos colegas de turma, em especial, pelos momentos divididos, angústias, alegrias e descontrações. Obrigada pelas palavras de força, pela amizade que brotou no mestrado, pelas contribuições para o meu desenvolvimento acadêmico e por fazer do meu labor um exercício de eterna aprendizagem e coragem; pelo apoio nos momentos de incerteza e de cansaço, agradeço toda força e motivação.

Aos idílicos alunos da turma 201, que, de modo receptivo, contribuíram de modo ímpar para a execução desta pesquisa. Grata estou por todo apoio, por todo trabalho realizado e por me ensinarem a trabalhar em cooperação. Admiro a troca, a cumplicidade e o respeito pelas pesquisas, pelas conversas, pela compreensão.

A todos que, de modo direto ou não, contribuíram para o sucesso deste trabalho, meu forte abraço e minha gratidão.

“Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente.”

(Tzvetan Todorov)

RESUMO

A pesquisa apresentada neste trabalho propõe a utilização da Literatura Fantástica no ensino de Filosofia como uma ferramenta didática facilitadora da aprendizagem dos estudantes do Centro Educa Mais Almirante Tamandaré. A Literatura Fantástica pode ser um recurso didático capaz de despertar no aluno do ensino médio um maior interesse pelas aulas de Filosofia. Para fundamentar nossos estudos abordamos a perspectiva todoroviana e sartreana sobre o gênero fantástico. Verificamos a viabilidade em estabelecer o entrelaçamento histórico entre Filosofia e Literatura, assim como a possibilidade deste enlace proporcionar aos estudantes um despertar filosófico. Como metodologia de pesquisa, consideramos o estudo de caso, aliado ao uso eficiente da Literatura Fantástica, como instrumento pedagógico capaz de auxiliar os estudantes na compreensão dos conceitos filosóficos abordados durante as aulas. Esta é uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório em que será desenvolvido um estudo dentro do modelo qualitativo e quantitativo de investigação, cujos objetivos são: Investigar o ensino de Filosofia no Brasil; descrever a ligação entre Literatura e Filosofia, assim como a influência positiva dessa relação para o processo ensino-aprendizagem; verificar a possível contribuição da Literatura Fantástica para a compreensão de temáticas filosóficas em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Literatura. Filosofia. Literatura Fantástica.

ABSTRACT

The research presented in this work proposes the use of the Fantastic Literature in Philosophy teaching as a didactic tool on the learning process of the students from Centro Educa Mais Almirante Tamandaré. The Fantastic Literature may be a didactic resource able to awake in the students from High School a larger interest for Philosophy classes. In order to substantiate our studies, we are going to approach the Todorovian and Sartrean perspectives about the fantastic genre. We verify the feasibility in establishing a historical interlacement between Philosophy and Literature, as well the possibility of this interlacement, that allows to the students a philosophical awakening. As research methodologies, we consider the study of case allied to the efficient use of Fantastic Literature as pedagogical tool able to auxiliare the students on the comprehension of philosophical concepts approached during the classes. It is a bibliographical research with an exploratory character that is going to be developed in a qualitative and quantitative model, whose aims are: investigating the Philosophy teaching in Brazil; describing the connection between Philosophy and literature, as well the positive influence of this connection to the learning and teaching process; verifying the possible contribution of the Fantastic Literature to the comprehension of philosophical themes in classroom.

Keywords: Philosophy Teaching. Literature. Philosophy. Fantastic Literature.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Liberdade	51
Tabela 2 - Liberdade	52
Tabela 3 – Existencialismo	52
Tabela 4 – Existencialismo	52
Tabela 5 – O espelho de Ojesed	53
Tabela 6 – O espelho de Ojesed	53
Tabela 7 - O espelho de Ojesed	54
Tabela 8 – O espelho de Ojesed	54
Tabela 9 – O espelho de Ojesed	54
Tabela 10 - O conto dos três irmãos	55
Tabela 11 - As relíquias da morte	56
Tabela 12 – Produção textual	57
Tabela 13 – Produção textual	58
Tabela 14 – Produção textual	59
Tabela 15 – Produção textual	60

LISTA DE SIGLAS

CEB	–	CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
CEMAT	–	CENTRO EDUCACIONAL ALMIRANTE TAMANDARÉ
CNE	–	CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
EMI	–	ENSINO MÉDIO INOVADOR
LDB	–	LEI DE DIRETRIZES E BASE
PCNs	–	PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS
PDE	–	PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
PDDE	–	PROGRAMA DINHEIRO DIRETO NA ESCOLA
PNE	–	PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
PPP	–	PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO
PRC	–	PROPOSTA DE REDESENHO CURRICULAR
SEDUC	–	SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 O LUGAR DA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	18
2.1 A ausência da Filosofia no currículo escolar do Brasil República ao período de redemocratização da nação.....	20
2.2 O ensino de Filosofia a partir da lei nº 11.684/2008	24
3 O UNIVERSO DA LITERATURA FANTÁSTICA E A FILOSOFIA: UMA JORNADA RUMO AO SABER FILOSÓFICO.....	27
3.1 Literatura Fantástica: mergulhando no conceito todoroviano e na concepção moderna sartreana.	29
3.2 Literatura Fantástica e ensino de Filosofia.....	31
4. A LITERATURA FANTÁSTICA COMO PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NO CENTRO EDUCA MAIS ALMIRANTE TAMANDARÉ.....	37
4.1 Contextualização do local da pesquisa.....	40
4.2 Descrição dos procedimentos metodológicos	43
4.3 Apresentação e análise dos resultados	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	64
APÊNDICES	66
ANEXOS	84

1 INTRODUÇÃO

Pensamos que uma boa aula é a aquela em que o aluno participa, se sente convidado e instigado a se expressar. Porém, também entendemos a necessidade dessa participação em aula ser fundamentada por uma base teórica. Neste trabalho, temos interesse em propor a aplicação de uma ferramenta didática que facilite o aprendizado dos estudantes do ensino médio nas aulas de Filosofia.

O processo de ensino/aprendizagem é algo desafiador para todas as disciplinas do currículo do Ensino Médio, ainda mais para a Filosofia, visto que, por ter pouco tempo de inserção na Educação do país, ainda está em construção enquanto disciplina, algo que se reflete na postura do professor e no interesse dos alunos pela Filosofia. Até mesmo os PCN's apontam essas dificuldades:

Em geral, alunos não costumam questionar a necessidade ou a finalidade da Matemática ou da Física, ainda que pouquíssimos cheguem a escolher, de fato, tais disciplinas como carreiras a seguir. E não poderia ser diferente, visto que até um passado recente a educação brasileira privilegiou, ora mais, ora menos, o conhecimento do tipo técnico-científico, em detrimento das “humanidades”, tendo em vista formar um mercado de trabalho de “especialistas e técnicos”, numa resposta “adequada” à demanda de desenvolvimento e modernização do mundo industrial-tecnológico (BRASIL, 2000, p. 44).

É de grande importância no processo de ensino/aprendizagem, o envolvimento do estudante com a disciplina lecionada, com o saber a ser transmitido ou ainda com as habilidades e competências a serem desenvolvidas por ele. Quanto mais o aluno for protagonista nas aulas, mais ele será ativo no processo de aprendizagem e este poderá se tornar mais verdadeiro e significativo.

A Filosofia enquanto disciplina, exige não apenas um pensar sobre os conteúdos abordados para seu ensino, nem mesmo uma reflexão isolada sobre a postura do professor, é preciso considerar que filosofia será ensinada, a quem estará direcionada, seus conteúdos e métodos e, por fim, o que objetiva. É preciso, ao problematizarmos o ensino, não tomá-lo sob um único aspecto, pois o ensino de Filosofia “é um exercício de apelo a diversidade, ao perspectivismo; é um exercício de acesso a questões fundamentais para a existência humana” (GALLO, 2005, p. 20).

Nesta perspectiva, levantamos a proposta de utilização da Literatura Fantástica nas aulas de Filosofia como um recurso metodológico capaz de possibilitar um olhar crítico-reflexivo acerca dos conteúdos filosóficos, contextualizados com o cotidiano cultural e a experiência de vida do aluno. Para isso, precisamos possibilitar uma educação voltada para o

despertar da autonomia, que possibilite aos estudantes se conceberem livres e responsáveis pelo próprio conhecimento construído durante as aulas. Sobre a liberdade do ser humano, pontua Sartre:

O homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar. Assim, não há uma natureza humana, pois não há um Deus para concebê-la. O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência (2012, p. 19).

Em Sartre, temos o ser lançado ao mundo, o ser-aí, incompleto e inacabado. A partir do conceito de sujeito livre no mundo, observamos a necessidade de construirmos uma ferramenta de ensino capaz de promover uma educação que, além de facilitar o processo de aprendizagem, valorize e trate o ato de ensinar como algo libertador e educativo.

Nas aulas de Filosofia, constatamos que quando o aluno se sente convidado a contribuir, a acrescentar e até mesmo a construir o próprio saber, ele se sente valorizado e este processo tem seus objetivos alcançados. Entendemos que a realidade é dinâmica e não existem fórmulas mágicas que solucionem os problemas do aprendizado nas escolas, porém, sabemos que existem metodologias e ferramentas que podem auxiliar neste processo.

Atualmente, notamos a necessidade de utilizar novos meios e instrumentos que possam garantir um olhar mais interessado pela Filosofia. Seguindo o caminho escrito por toda a história que corresponde a fusão da literatura com a filosofia, propomos a construção de um ensino filosófico entrelaçado a uma literatura que possa despertar no aluno leitor o gosto pela filosofia.

Abordaremos, no primeiro capítulo deste estudo, o desdobramento histórico que o ensino de Filosofia sofreu durante os governos e regimes políticos consolidados desde o Brasil colônia até a atualidade. Trataremos do perfil histórico da disciplina na educação brasileira, a fim de entendermos as características e os empecilhos sofridos pela Filosofia ao longo da história de nossa educação.

Entendemos que traçar o perfil histórico do ensino de Filosofia no Brasil nos possibilita pensar em metodologias capazes de tornar as aulas mais atrativas e sensibilizadoras, além de proporcionar conhecimentos importantes para que não caiamos na armadilha do esquecimento, cuja consequência é a repetição dos erros do passado.

O conhecimento histórico obtido ao longo da nossa pesquisa servirá como o fundamento teórico para a construção de uma metodologia sensibilizadora, com potencial de

aproximar o estudante do Ensino Médio da reflexão filosófica. Desse modo, partimos da seguinte indagação: É possível ensinar Filosofia através da Literatura Fantástica? Neste sentido, no segundo capítulo, falaremos sobre a relação entre Literatura e Filosofia, assim como as contribuições do pensamento de Sartre e Todorov sobre o gênero fantástico, além das abordagens teóricas acerca do ensino de Filosofia em Gagnebin, Gallo, Magalhães, dentre outros.

Por fim, no terceiro capítulo, apresentaremos nosso campo de pesquisa, o procedimento metodológico utilizado para o desenvolvimento do estudo em campo, assim como a análise dos resultados obtidos na aplicação do nosso objeto de pesquisa realizado na turma 201 (segundo ano) do ensino médio do Centro Educa Mais Almirante Tamandaré – CEMAT¹.

Há, no cotidiano dos jovens de hoje em dia, uma presença muito forte da literatura de ficção, dos contos e especialmente da Literatura Fantástica, gênero literário que desperta nos adolescentes um interesse significativo. Obras que, através de universos paralelos, seres fantásticos, super-heróis e vilões, podem proporcionar aos jovens um enveredamento pelos caminhos da Filosofia, possibilitando reflexões sobre problemas éticos, políticos, metafísicos, estéticos... junto às situações verossímeis que se apresentam em suas vidas.

No ambiente escolar, notamos a carência de leituras mais pertinentes, de modo que as reflexões filosóficas assumam um caráter diversificado e façam parte do cotidiano das pessoas. Sentimos, também, a necessidade de sensibilização dos jovens às problemáticas próprias da Filosofia. Por esses motivos, construímos uma possibilidade didática de aproximação dos estudantes do Ensino Médio à reflexão filosófica, propomos a utilização da Literatura Fantástica nas aulas de Filosofia como canal para o filosofar, porém, é necessário ir além e perceber que a literatura fantástica pode ser bem mais que um simples entretenimento, um despertar para a Filosofia.

¹ Descreveremos nosso campo de estudo no terceiro capítulo da pesquisa. Salientamos que buscamos, ao apresentar os capítulos desta dissertação, atender os seguintes objetivos específicos: Identificar abordagens filosóficas na literatura fantástica; Analisar o perfil histórico do ensino de Filosofia na Educação brasileira; Descrever a ligação entre Literatura e Filosofia, assim como a influência positiva dessa relação para o processo ensino-aprendizagem, tomando como referência o conceito de fantástico em Todorov e Sartre; Verificar a possível contribuição da literatura fantástica para a compreensão de temáticas filosóficas em sala de aula.

2 O LUGAR DA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A trajetória do ensino da Filosofia compreende a vasta história da educação brasileira, inicialmente implantada pelos jesuítas no período colonial, assim como seus desdobramentos no Brasil República, no período da ditadura militar e na atualidade. Neste capítulo, abordaremos a história do ensino da Filosofia, seus aspectos pedagógicos, além dos interesses políticos que influenciaram a inserção e a retirada da Filosofia do currículo escolar ao longo da educação no Brasil.

É importante salientar que a problemática da presença/ausência do ensino de Filosofia no Brasil não é exclusiva da atualidade, mas de todo um percurso histórico, onde interesses políticos, muito mais que educacionais, ditaram o modelo pedagógico implantado e, “dependendo do projeto educativo adotado, isso implicou maior ou menor espaço para a filosofia na grade curricular das escolas” (ALVES, 2002, p. 8).

A Educação brasileira teve seu início no período colonial, sob a influência da pedagogia portuguesa, cujo modelo se baseava da ideologia dos Jesuítas. A Companhia de Jesus, fundada pelo religioso militar Inácio de Loyola em 1534, apresentava uma estrutura baseada na disciplina foi também a responsável pela catequese e a educação dos povos coloniais. A educação jesuítica trazida de Portugal à colônia, toma o ensino de Filosofia a partir de estudos teológicos. Assim, defende Cartolano:

A cultura filosófica passa a ser mero comentário teológico, fundada principalmente na renovação da escolástica aristotélica. Esse humanismo artificial imposto a Portugal chegou até a colônia e deixou traços marcantes em nossa inteligência: o formalismo, a retórica, o gramaticismo, a erudição livresca (1985, p. 20).

As escolas organizadas pelos jesuítas apresentavam quatro graus de ensino: o curso elementar, o de humanidades, de artes e o curso de teologia. O modelo pedagógico dessas escolas baseava-se no *Ratio Studiorum*², uma espécie de plano de estudo próprio da pedagogia jesuítica.

Segundo o *Ratio Studiorum*, o ensino estava dividido em dois graus, os *studia inferiora* e os *studia superiora*. O primeiro compreende ao ensino básico, correspondente ao que hoje chamamos de Ensino Médio, e o segundo corresponde a educação superior, universitária. O ensino da Filosofia estava presente apenas nos *studia superiora*, que apresentava o curso de filosofia e o curso de teologia, “mas não se estudava qualquer filosofia, e sim aquela que

² Coletânea de normas regulamentadoras do ensino, criada em 1599, servia para orientar as atividades, as funções e os métodos de avaliação nos colégios jesuíticos.

interessava aos projetos da Companhia” (ALVES, 2002, p. 10), visto que o ensino da Filosofia era direcionado pelos interesses e ideologias dos jesuítas, cuja metodologia, baseada no rigor e na disciplina, visava o fortalecimento da Igreja Católica, tendo como conteúdo as obras de Tomás de Aquino e as obras, aceitas pela Igreja, de Aristóteles. O ensino de Filosofia era realizado sob rigorosa censura, pois

Apesar de Aristóteles ser o principal autor estudado dentre os clássicos da Antiguidade, isto era feito com o maior “cuidado”, para que os alunos tomassem contato apenas com aquelas ideias do estagirita que não comprometessem o dogma católico. Recomendava-se um rigoroso controle sobre os professores e sobre a leitura feita pelos alunos, para não os expor a nenhuma influência externa, a “ideias novas” ou contrárias à doutrina da Igreja (ALVES, 2002, p.10).

Para atender seus objetivos, a Companhia de Jesus adotou a metodologia de ensino baseada na censura e na vigilância, quando os conteúdos estudados pelos jovens não poderiam contestar as verdades da Igreja, pois essa instituição pretendia o fortalecimento da fé e a propagação de suas verdades através da educação, a fim de garantir o combate aos avanços do protestantismo e das ideias renascentistas.

Dessa forma, a educação jesuítica destinada aos colonos estava direcionada aos senhores de terras, à elite brasileira da época; aos índios, negros e pobres era destinada a catequese e a alfabetização básica. O ensino mais avançado, os *studia superiora* eram permitidos apenas aos filhos dos senhores proprietários de terras e escravos, àqueles da alta classe brasileira.

Mediante o avanço do ideário iluminista e a consolidação da Reforma Pombalina, a Companhia de Jesus é expulsa de Portugal e de suas colônias, o que permitiu algumas mudanças no cenário educacional da Europa, assim como do Brasil colônia, de modo que, “neste período, a metrópole portuguesa procurava adaptar-se, econômica, política e ideologicamente, às mudanças estruturais que se intensificavam na Europa” (ALVES, 2002, p. 12).

São criadas, com a reforma de Pombal, duas faculdades superiores: de Matemática e de Filosofia, tida pelos liberais como ciência natural, que, através de uma visão prática, é tomada como pragmática e utilitária, nada estranho a classe social vigente neste período, a burguesia: “Desse modo a nascente burguesia lusitana, agora hegemônica, passou a demandar uma educação que tivesse como objetivo o domínio da natureza pela ciência” (ALVES, 2002, p. 14).

O ensino de Filosofia, após a reforma pombalina ainda está destinado à elite e ofertado apenas na educação superior. A faculdade de Filosofia na Universidade de Coimbra tem

duração de quatro anos e é dividida em quatro disciplinas: Filosofia Racional e Moral, História Natural, Física Experimental, Química Teórica e Prática.

Esse processo de reestruturação da educação proposto por Pombal modifica toda a estrutura organizacional do *Ratio Studiorum*, pois o novo modelo propunha aulas mais abertas e “sem necessidade de colégios para ministrar os cursos” (ALVES, 2002, p. 15). Essa reforma trouxe mais prejuízos que benefícios para a educação brasileira, pois sem a criação

De um organismo político-organizacional alternativo ao mantido pela Companhia de Jesus, houve um inevitável desmonte de toda a estrutura educacional criada para ministrar a instrução na colônia, deixando a colônia brasileira sem uma educação escolar consistente, ou equivalente estruturalmente, àquela que estava sendo expurgada (Idem).

No Brasil colônia, a educação não apresentou grandes transformações, mas com a chegada da corte portuguesa e a proclamação da Independência, a estrutura pedagógica sofreu algumas modificações. Uma delas foi a divisão do ensino em particular e estatal.

O ministro do Império, Antônio Carlos, estabelece a duração do curso básico em sete anos, acentuando o estudo literário. As disciplinas do currículo passam a ser organizadas da seguinte forma: Grego, Latim, Alemão, Inglês, Francês, Retórica e Poética, Filosofia, História, Geografia, Geometria, Matemática e Cronologia, Mineralogia e Geologia, Zoologia Filosófica, Desenho Figurativo e Música Vocal.

2.1 A ausência da Filosofia no currículo escolar do Brasil República ao período de redemocratização da nação

Durante o Brasil colônia e o Brasil imperial, o ensino de Filosofia, de caráter propedêutico, esteve presente no currículo escolar. O mesmo não aconteceu no período republicano, onde os rumos da Educação tomam direcionamentos outros, influenciados pelos novos horizontes político, ideológico e econômico do período. No período colonial e imperial, a Filosofia esteve presente no currículo da educação brasileira, mesmo que de modo propedêutico. Durante o Brasil República, o ensino de Filosofia perde espaço, pois ela não será tomada como disciplina de interesse da nova estrutura política que se forma a partir daí.

Em 1889, a República é instituída no Brasil sob influência do ideário liberal e, sobretudo, positivista, que aqui penetrou fortemente em fins do século XIX, constituindo-se numa das principais referências que serviram de respaldo teórico e ideológico ao movimento republicano, no combate à Monarquia e à Igreja católica, e na consolidação do Estado republicano (ALVES, 2002, p. 24).

Com o novo regime político, o Brasil necessitou reestruturar todas as esferas do Estado, agora sob o ideário positivista, a educação deveria “formar uma nova elite para um novo Estado” (ALVES, 2002, p.25), A educação passa a ser responsabilidade do Estado, adotando uma postura laica, livre das influências da Igreja.

Neste cenário de grandes mudanças ideológicas e políticas, a Educação continuará favorecendo um pequeno grupo social, a nova elite vigente. Benjamin Constant, primeiro ministro da Instrução Pública, influenciado pelo positivismo, baixa o decreto de número 981 de 8 de novembro de 1890, onde introduz disciplinas científicas no currículo educacional.

A partir dessas propostas, o ensino de Filosofia fica pela primeira vez na história da educação brasileira, fora do currículo escolar. Cabe salientar que o plano educacional de Benjamin Constant, ao “não contemplar a filosofia dentre suas disciplinas obrigatórias, apenas apresenta o início de um processo de presença/ausência da filosofia no currículo desse nível de ensino, que chega até os dias atuais” (ALVES, 2002, p. 28).

A estrutura e o papel do ensino escolar brasileiro sempre estiveram pautados no modelo histórico econômico e político da época vigente; em função disso, a cada mudança política e econômica ocorria uma nova transformação na estrutura do ensino, para que a educação fosse adaptada em benefícios dos que estavam no poder.

Há, neste momento, duas correntes ideológicas que combatem pela estruturação do currículo, uma voltada para um ensino humanizador e a outra para uma educação utilitária, centrada nas ciências. Todas as reformas propostas desde o início da República com Benjamin Constant, até a reforma de Rocha Vaz em 1925 estavam condicionadas pelo embate político ideológico entre a concepção de educação humanística e a científica utilitária. A primeira defendia a inserção da filosofia no currículo, a outra se posicionava pela retirada da Filosofia no ensino secundário.

No governo Getúlio Vargas houve duas reformas educacionais: a Reforma Francisco Campos, de 1932, e a Reforma Gustavo Capanema, de 1942, criadas para atender as demandas da nova estrutura social, dentre elas a geração de mão de obra qualificada para atender a industrialização vigente.

O ensino de Filosofia foi mantido nas duas reformas, porém limitada a ensino complementar com aulas de história da filosofia e lógica, cuja carga horária, a princípio, dividida em quatro horas por semana, foi gradativamente reduzida pelas portarias número 966, de 2 de outubro de 1951 (três horas semanais) e a de número 54, de 1954 (duas horas/uma hora semanais).

Após essas reformas, tivemos a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1961 (LDB 4024/61), que promoveu a descentralização do ensino, onde a estrutura curricular do ensino secundário foi organizada em dois ciclos, o ginásial (quatro anos) e o colegial (três anos). A LDB deu liberdade às instituições de ensino para optar sobre a grade curricular que pretendiam seguir e indicou como disciplinas obrigatórias apenas as indicadas pelo Conselho Federal de Educação: português, matemática, geografia, história e ciências. A Filosofia continuou como disciplina complementar, indicada apenas para o ciclo colegial como ensino de lógica, perdendo seu caráter obrigatório.

A ausência da Filosofia no currículo educacional é acentuada com o golpe civil-militar de 64, enquanto nos períodos anteriores tivemos uma presença indefinida da Filosofia no currículo educacional. No período ditatorial, o ensino de Filosofia é completamente extinto da grade curricular das escolas públicas brasileiras. Assim pontua Alves:

(...) A natureza do ambiente escolar, de trabalhar fundamentalmente com “ideias”, ou com a veiculação de ideias, teorias e etc., levou os aparelhos repressivos do Estado a “vigiarem” de perto o que se passava nas escolas. O currículo, por isso, deveria ser cuidadosamente pensado, evitando-se ao máximo criar situações em que ideias contrárias ao *status quo* estabelecido fossem veiculadas. A filosofia, disciplina naturalmente voltada para a discussão de ideias, sistemas, teorias etc., logo ganha antipatia dos ideólogos do poder constituído, e a sua retirada do currículo passa então a ser cogitada como uma necessidade, em nome da Segurança Nacional (2002, p. 38).

O governo militar substituiu a Filosofia por disciplinas que priorizassem os interesses ideológicos do poder vigente. Em seu lugar ficaram as disciplinas de educação moral e cívica, organização moral e política brasileira e, para o nível superior, estudos dos problemas brasileiros.

Em 1971 foi elaborada a versão militar da LDB, a Lei de Diretrizes e Bases de número 5.692/71, que reorganiza o ensino de primeiro e segundo grau, onde a estrutura curricular é construída a fim de atender as necessidades do mercado, gerar mão de obra barata, assim como indivíduos obedientes a nova ordem, alienados de sua condição no mundo.

A estrutura educacional durante o período ditatorial no Brasil se organizava em dois graus de ensino: o primeiro grau, etapa que tinha duração de oito anos, destinada a formação dos indivíduos dos sete aos quatorze anos, e o segundo grau com duração de três anos (formação geral) a quatro anos, destinado a formação profissional. As disciplinas obrigatórias que compunham a grade curricular eram: português, língua estrangeira, história, geografia e organização social e política do Brasil, matemática, ciências físicas e biológicas, educação moral e cívica, educação física, educação artística e programas de saúde.

Em contrapartida, vários movimentos surgiram com o intuito de reivindicar a presença da Filosofia no currículo educacional, a SEAF (Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas) surgiu num desses movimentos que culminou com um evento realizado no Rio de Janeiro, quando vários filósofos se reuniram para deliberar em favor da inclusão da Filosofia na educação brasileira.

Após as manifestações e organizações de outros órgãos em defesa da Filosofia, o governo passou a ter uma certa flexibilidade em relação a “filosofia”, que poderia ser ensinada. Sua reintrodução à grade curricular aconteceu na década de 80, nas escolas do Rio de Janeiro, porém houve toda uma preocupação com a reimplantação da disciplina, pois o governo através do ESN (Estado de Segurança Nacional) estabeleceu um certo controle ao conteúdo que poderia ser ensinado.

Mais tarde, com a promulgação da lei 7.044/82, a Filosofia retorna ao ensino secundário como disciplina optativa, mas “apesar de ter representado uma vitória dos que lutaram pelo retorno da Filosofia no ensino secundário, tinha-se consciência de que esta conquista não foi completa” (ALVES, 2002, p. 46) já que não houve obrigatoriedade de sua presença no currículo das escolas.

A insegurança quanto a presença da Filosofia no ensino brasileiro continua até mesmo com a LDB de 1996 (n. 9.394/96), pois ela não pontua com clareza como deve acontecer o ensino de Filosofia nas escolas, se como disciplina ou como temática de projetos. A lei não especifica a obrigatoriedade da disciplina mesmo quando cita que, ao final do ensino médio, os estudantes devem demonstrar domínio dos conhecimentos de Filosofia.

Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizadas de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre: (...) o domínio dos conhecimentos de filosofia e de sociologia necessários ao exercício da cidadania (lei n.9.394/96, art.36, § 1º-inciso III).

Há de se entender, pela ideologia dos partidos políticos da posição, o interesse na retirada ou enfraquecimento da Filosofia no currículo educacional do país. Desde o período republicano, passando pelo militarismo de 64 até o período de redemocratização, os interesses políticos estiveram direcionados ao enfraquecimento do ensino da Filosofia, por questões de interesse prático ou ideológico, visto que a ideologia vigente era a do mercado e o que se objetivava com a educação era a formação profissional dos indivíduos a fim de garantir os interesses do empresariado.

Com a virada política em 2003, que elege de forma inédita um representante da esquerda, oposição histórica dos presidentes anteriores, após trinta e sete anos de estudos,

questionamentos e muita luta das entidades educacionais a favor da Filosofia no currículo educacional brasileiro, a lei n. 11.684/2008 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, torna o ensino de Filosofia obrigatório em todos os anos do ensino médio. A partir da nova lei, algumas medidas precisavam ser tomadas para reforçar a reinserção da disciplina nas escolas, então, faz-se necessário a ampliação de políticas de incentivo a formação de profissionais, debates e encontros para a construção de um ensino que não se pautar apenas em transmissão de conteúdo, mas uma prática formativa capaz de tornar o educando ciente de suas ações, protagonista do próprio pensar crítico e peça central no processo do filosofar.

Em 2006, a Câmara de Educação Básica, pelo parecer CNE/CEB nº 38, aprovado em sete de julho do mesmo ano, deu parecer sobre a inclusão do ensino tanto de Filosofia quanto de Sociologia no currículo do Ensino Médio, afirmando que as escolas devem garantir condições adequadas para a efetivação da disciplina, assim como professores habilitados para o exercício da docência nessas disciplinas.

Em seguida, outras resoluções foram publicadas com o intuito de fortalecer a inserção da Filosofia no currículo do Ensino Médio, inclusive a resolução CNE/CEB nº 4 de 16 de agosto de 2006 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e o parecer CNE/CEB nº 22/2008, que destaca a responsabilidade das escolas em definirem o papel das disciplinas em seu currículo, assim como assegurar carga horária suficiente para a adequada realização dessas disciplinas.

Abordaremos no próximo tópico como, a partir da inserção da Filosofia no currículo educacional do ensino médio brasileiro, a disciplina tem sido trabalhada ao longo dos anos. Veremos, também, como a garantia da disciplina favorece discussões e debates sobre o aprimoramento das práticas de ensino de Filosofia no ensino médio.

2.2 O ensino de Filosofia a partir da lei nº 11.684/2008

A partir da lei que altera o artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases da educação de 96 e torna obrigatório o ensino de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio, as escolas tiveram que adaptar seus currículos às novas exigências, tendo um ano de prazo para a inclusão das disciplinas em, pelo menos, um dos anos do ensino médio, e de quatro anos para a inclusão das mesmas em todos os anos do segundo grau. Assim dispõe a resolução nº1 de 18 de maio de 2009:

Art. 1º Os componentes curriculares Filosofia e Sociologia são obrigatórios ao longo de todos os anos do Ensino Médio, qualquer que seja a denominação

e a organização do currículo, estruturado este por sequência de séries ou não, composto por disciplinas ou por outras formas flexíveis.

Art. 2º Os sistemas de ensino deverão estabelecer normas complementares e medidas concretas visando a inclusão dos componentes curriculares Filosofia e Sociologia em todas as escolas, públicas e privadas, obedecendo os seguintes prazos de implantação:

I – Início em 2009, com a inclusão obrigatória dos componentes curriculares Filosofia e Sociologia em, pelo menos, um dos anos do Ensino Médio, preferencialmente a partir do primeiro ano do curso;

II – Prosseguimento dessa inclusão ano a ano, até 2011, para os cursos de Ensino Médio com 3 (três) anos de duração, e até 2012, para os cursos com duração de 4 (quatro) anos.

A obrigatoriedade da disciplina Filosofia em, pelo menos, uma etapa da educação básica se configura como fato inédito, apesar de, por muitos anos, ter estado presente de forma opcional no currículo escolar. Após inúmeras pressões das entidades relacionadas à luta pela inserção da Filosofia no currículo educacional, o governo de Luís Inácio Lula da Silva, tendo como ministro da educação um filósofo por formação, Fernando Haddad, tornou o ensino de Filosofia um sonho possível na Educação brasileira.

Com a inserção da Filosofia de forma obrigatória no ensino médio, finda-se a querela sobre a inclusão ou não da disciplina na grade curricular (pelo menos por algum tempo), mas realça-se uma série de discussões sobre como o ensino da Filosofia deve ser realizado, suas diretrizes, conteúdos, métodos. A problemática sobre o ensino de Filosofia é parte da essência da própria disciplina, visto que se configura como um questionar contínuo e reflexivo sobre sua própria identidade.

As Orientações Curriculares Nacionais de Filosofia (OCN'S), defendem que a Filosofia deve ser tratada como obrigatória no Ensino Médio, porém a obrigatoriedade da disciplina não garante seu pleno exercício, “pois a satisfação dessa necessidade e a oferta de um ensino de qualidade só são possíveis se forem estabelecidas condições adequadas para a sua oferta como disciplina, implicando a garantia de recursos materiais e humanos” (OCNS, 2006, p. 38).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNS), o ensino de Filosofia deve atender à necessidade de uma educação geral, própria da sociedade atual, que disponha tanto da formação técnica profissional, como de uma formação humanística.

Dentre as finalidades destacadas na LDB de 96, artigo 35, estão, além da preparação para o trabalho, o desenvolvimento da cidadania do estudante, assim como sua formação ética e o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico para que ele possa compreender os

fundamentos do processo produtivo. Segundo os PCNS, a filosofia contribui grandemente para a conquista de tais finalidades.

Há, com certeza, uma contribuição decisiva da Filosofia para o alcance dessas finalidades: ela nasceu com a declarada intenção de buscar o Verdadeiro, o Belo, o Bom. Apesar de uma transformação histórica no âmbito de sua competência explicativa – em parte devida à sua enorme fertilidade em gerar novos saberes –, o pensamento filosófico resiste precisamente porque não abandona seu motivo originário. Tratando-se aqui de algumas reflexões a título de contribuição para a prática pedagógica da Filosofia no Ensino Médio, não chega a ser necessário insistir, junto aos docentes da disciplina, nas razões que lhe conferem seu enorme e indispensável poder formativo. Mais do que nunca, filosofar é preciso! (PCNS, 2000, p. 45).

Segundo Silvio Gallo, enquanto professores de Filosofia, em especial, do Ensino Médio, devemos ter alguns cuidados em nossa prática. Primeiro, precisamos pensar a Filosofia como um processo e não como transmissão de conteúdos construídos pela história; segundo, embora a Filosofia não deva ser tomada de forma conteudista, é preciso ensinar história da Filosofia, visto que não há possibilidade de construção filosófica a partir do nada; terceiro, se faz necessário um espírito criativo a fim de, ao conhecermos a história da Filosofia, negarmos a tradição que nos aprisiona e, pela criatividade, recomeçar.

Embora, o ensino de Filosofia tenha, com muita luta, aos poucos garantido lugar na educação brasileira, forças políticas atuam atualmente pela diluição da disciplina no Ensino Médio. Diante do risco de novamente termos a Filosofia fora do currículo, é preciso pensar o ensino de Filosofia enquanto uma prática que possibilite ao estudante uma espécie de espanto, de olhar curioso que o permita sair do estado de acomodação para a inquietação filosófica, garantir que seja uma disciplina capaz de cumprir os objetivos destacados na própria LDB, quando dispõe sobre a necessidade do educando em dominar conhecimentos de Filosofia próprios ao exercício da cidadania.

Ao longo dos anos, mesmo após a sua inserção obrigatória no currículo do Ensino Médio, as questões sobre a metodologia para o ensino da Filosofia ainda estão em construção. No próximo capítulo, proporemos, a fim de garantir uma melhor prática de ensino de Filosofia, o uso da Literatura Fantástica como um recurso inovador e capaz de despertar no estudante um olhar mais interessado pela disciplina.

3 O UNIVERSO DA LITERATURA FANTÁSTICA E A FILOSOFIA: UMA JORNADA RUMO AO SABER FILOSÓFICO

Entendemos por Filosofia, um pensamento sistemático e erudito em busca da verdade ou, pelo menos, daquilo que nos aproxima dela. É o conhecimento construído a partir do exercício da razão. Muitos pensadores acreditam que o filosofar é um ato solitário, uma contemplação individual da verdade, porém, essa busca não está dissociada da linguagem, não é um ato silencioso, necessita de signos, pois o próprio pensamento é constituído de códigos.

A linguagem filosófica, podemos afirmar, é uma linguagem própria, por muitos considerada restrita ao ambiente acadêmico e aos filósofos, pois é tomada como pouco acessível e de difícil compreensão, no entanto, sabemos de alguns pensadores na história da Filosofia que se utilizam da escrita literária ao abordar seus problemas filosóficos.

Pensadores antigos e da atualidade criaram um vasto campo de obras onde as questões filosóficas são percebidas nas entrelinhas de romances, diálogos, mitos e outras narrativas. *Os diálogos* de Platão, *A Nova Heloísa* de Rousseau, *Assim falou Zaratustra* de Nietzsche, são exemplos de como a filosofia é permeada pela literatura. Ambas, Filosofia e Literatura, usam a linguagem para comunicar seus saberes, porém, enquanto a primeira expressa suas ideias, conceitos, a segunda narra uma história. É possível, portanto, que possamos utilizar uma em favor da outra.

Boa parte da história da filosofia foi escrita em forma de prosa literária ou em forma de poesia, como é o caso de textos dos pré-socráticos. É interessante notar que o salto do mítico-religioso ao pensamento filosófico propriamente dito, que encontramos nos pré-socráticos e não nos socráticos, foi acompanhado da poesia como forma e conteúdo da estruturação do pensamento (MAGALHÃES, 2009, p. 47-59).

Desde a antiguidade, com os pré-socráticos e suas narrativas poéticas, é percebido um entrelaçamento entre a Filosofia e Literatura. Podemos entender, a partir dos antigos, que a compreensão do pensamento filosófico se dá através da linguagem, também, da expressão narrativa dos problemas filosóficos. Porém, através da crítica de Platão às artes, especialmente, à poética, tal possibilidade de a literatura expressar coerentemente as verdades da Filosofia, é posta em dúvida.

Platão critica a narrativa poética por ser fabulosa e despertar a imaginação, distanciando-se assim das verdades da razão. Pode a poesia, portanto, contribuir para o discurso demagogo, onde o abrilhantamento das palavras ofusca o verdadeiro. Ao prever o perigo da poesia, Platão expulsa os poetas do modelo ideal de educação.

Mas, vejamos, este mesmo pensador, ao escrever suas obras, não faz uso de um certo modelo literário? Ao escrever os diálogos, não faz uma narrativa dos problemas filosóficos apresentados por Sócrates e seus discípulos? E quanto as alegorias? Não são elas estórias a fim de fazer o leitor buscar a verdade através, não somente da razão, mas da imaginação?

Há um paradoxo em Platão, ao mesmo tempo em que critica os poetas e sua arte, utiliza-se de uma certa literalidade ao compor suas obras, pois devia saber que a linguagem é o meio pelo qual a Filosofia se desdobra, mesmo que se apresentem limites. Assim pontua Gagnebin:

Platão introduz aqui um tema que atravessa toda nossa tradição, filosófica e literária, em particular poética: o tema duplo dos limites da linguagem e do indizível. Os limites da linguagem podem, em filosofia, nos levar a uma filosofia crítica de tipo kantiano, para justamente delimitar melhor o que está ao alcance ou não do nosso *logos*, linguagem e, simultaneamente, razão; ou, então, nos levar a uma teoria da contemplação e da iluminação (Platão, Plotino, Santo Agostinho, talvez Hegel?), na qual o tatear dos limites pode nos fazer como que gostar, num instante fugitivo, do sabor da transcendência (2016, p. 10).

Ainda sobre os usos da Literatura na Filosofia, outro pensador antigo se destaca ao abordar esta temática, mas, ao contrário de Platão, de forma positiva: Aristóteles, aluno de Platão, vê na literatura um caminho ao entendimento dos problemas filosóficos. Em sua obra *Poética*, faz uma reflexão filosófica sobre o papel da arte e da poesia, colocando o conceito de *mimesis* no centro da discussão sobre a característica que difere um conhecimento científico-histórico do poético-filosófico.

Não é o ofício do poeta narrar o que realmente acontece; é, sim, representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível, verossímil e necessário. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem em verso ou em prosa (...) - diferem sim em que um diz as coisas que sucederam, e o outro as coisas que poderiam suceder. Por isso a poesia é mais filosófica e mais elevada do que a história, pois aquela refere principalmente o universal, e esta o particular. Referir-se ao universal, quero eu dizer: atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia quando põe nome às suas personagens (ARISTÓTELES, 2008, p. 117).

Percebemos em Platão e Aristóteles um conflito de pensamento entre a busca racional e sistêmica pela verdade e a criação fabulosa do real, onde o mestre expulsa os poetas de sua *República* por corromper os jovens, enquanto seu pupilo os exalta por serem capazes de predizerem um futuro possível.

Platão e Aristóteles são os grandes pensadores que deram início a querela sobre Literatura e Filosofia, seus escritos são de grande importância para construção de um pensamento acerca da possibilidade de fusão dos dois saberes, nos proporcionam uma ampla visão sobre o que podemos ganhar ou perder com a filosofia expressa nos moldes literários. No entanto, o nosso interesse está em pontuar e analisar os imbricamentos entre Filosofia e Literatura, a fim de contemplar os prováveis ganhos desta união, muito mais do que enveredar pela histórica contenda entre os dois saberes.

Toda a análise acerca da relação histórica entre Filosofia e Literatura desde o momento em que o pensamento filosófico se expressou linguisticamente até a querela entre Platão e Aristóteles tem o propósito de descortinamento do que se pretende esta pesquisa: investigar a possibilidade de utilização de um gênero literário – o fantástico – no ensino de Filosofia. Para tal, iniciaremos o próximo tópico com a construção do conceito de Literatura Fantástica por Tzvetan Todorov³ e pelo filósofo existencialista Jean Paul-Sartre.⁴

3.1 Literatura Fantástica: mergulhando no conceito todoroviano e na concepção moderna sartreana.

Em alguns momentos de nossas vidas somos levados a nos questionar sobre o limite do real, do imaginário, se o que vivenciamos é sonho ou realidade. A psicanálise e a própria Filosofia se debruçaram sobre tal questão, mesmo que para garantir um juízo minimamente seguro em busca da verdade, a exemplo de Descartes quando, perturbado por um gênio maligno, duvidou da própria existência.

Antes mesmo do pensamento filosófico, a narrativa mitológica expressou, por uma linguagem própria, o cotidiano dos deuses, titãs, heróis e outros seres fabulosos, a fim de explicar o surgimento do Universo. A crença em seres superiores proporcionou uma forma de escrita em que o sagrado é retratado semelhante a vida humana.

Com o passar dos tempos, o sagrado perdeu lugar para a investigação racional dos fenômenos, porém, mesmo com o progresso científico das civilizações, a expressão fabulosa

³ Nascido na Bulgária em 1939 e radicado em Paris, Tzvetan Todorov, foi filósofo e linguista formado em filologia na Universidade de Sofia-Bulgária, autor de várias obras como *A gramática de Decameron* e *Introdução à literatura fantástica*, professor em Havard e pesquisador no Center National de la Recherche Scientifique (CNRS). Faleceu em 2017 deixando importante herança filosófico-literária à contemporaneidade.

⁴ Filósofo e escritor francês, Jean-Paul Sartre é considerado o expoente máximo do existencialismo moderno, sua obra denominada *O Ser e o Nada* é vista como o trabalho de maior expressão da corrente existencialista. Para ele, o homem é o artífice de sua própria existência, pois é livre para escolher ser aquilo que quiser ser. Sartre, também, defende a concepção moderna do fantástico que se configura enquanto representação imagética do caos no mundo, possibilitando ao homem reconhecer-se enquanto ser lançado à sua própria existência.

do mundo permaneceu nos relatos literários, no imaginário popular, ganhando, de tempos em tempos, novas características, novas formas e novos ares. Surgiram, então, os contos de fadas, contos de terror, as novelas, romances, gêneros que possibilitaram a construção do Fantástico.

Do interesse pela definição da literatura fantástica, linguistas, filósofos e psicanalistas tentaram formular alguns conceitos para classificá-la. Alguns estudos caracterizaram a Literatura Fantástica ora como gênero ora como modo literário. Outra questão discutida sobre esse tipo de escrita é a relação entre o real e o imaginário durante a narrativa, assim como a mensagem que tenta passar aos leitores.

Não nos atentaremos aqui a uma análise linguística esmiuçada e comparativa entre as diversas conceituações do fantástico no universo das teorias literárias, mas a abordagem linguístico-filosófica construída por Todorov em sua obra *Introdução à literatura fantástica*, onde traça o perfil do fantástico tradicional em comparação ao fantástico moderno.

A Literatura Fantástica, segundo os estudos de Todorov, ganhou uma sistematização conceitual e estrutural, tendo sido tomada por ele como um gênero literário em que a escrita consiste em trazer ao leitor o sentimento de dúvida perante o real. O fantástico se encontra, portanto, numa zona limítrofe entre a realidade e o imaginário, surge da incerteza do real perante o sonho. É, pois, um gênero que abrange o natural e o sobrenatural, “é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2010, p. 31).

A concepção de Sartre a respeito da literatura fantástica difere do conceito dado por Todorov, pois enquanto Sartre afirma que o fantástico está ligado a vida do homem moderno, Todorov considera o gênero fantástico como a narrativa de um mundo habitado por seres imaginários.

O fantástico moderno de Sartre se caracteriza por renunciar os contos de fadas, onde os seres apresentados não possuem existência real. Para o filósofo existencialista, deve “renunciar as explorações das realidades transcendentais, resignar-se a transcrever a condição humana”. (SARTRE, 2004, p. 138). Nesta perspectiva, não há, na narrativa fantástica moderna, florestas encantadas, nem castelos assombrados, mas o dia a dia pesaroso do homem em sua labuta e luta constante pela sobrevivência. Segundo Sartre:

Ao humanizar-se, o fantástico se reaproxima da pureza ideal de sua essência. [...] nada de súcubos, nada de fantasmas, nada de fontes que choram – há apenas homens, e o criador do fantástico proclama que se identifica com o objeto fantástico. Para o homem contemporâneo, o homem tornou-se uma maneira entre cem de refletir sua própria imagem (SARTRE, 2005, p.137).

O termo fantástico tem origem no latim *phantastĭcus* e no grego *phantastikós*, ambos estão relacionados à imaginação e fantasia. A partir da definição do fantástico, podemos dizer que a literatura fantástica é a escrita que se utiliza da imaginação e da fantasia a fim de narrar um universo paralelo à realidade. Em *Introdução à literatura fantástica*, Todorov aponta três condições de uma narrativa fantástica:

Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra [...]. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação “poética”. Estas três exigências não têm valor igual. A primeira e a terceira constituem verdadeiramente o gênero; a segunda pode não ser satisfeita. Entretanto, a maior parte dos exemplos preenchem as três condições (TODOROV, 2010, p. 38-39).

Todorov é o primeiro teórico a abordar a Literatura Fantástica como um gênero literário, desenvolvendo um arcabouço estruturalista onde constrói uma definição tradicional de Literatura Fantástica, porém não esquecendo dos desdobramentos históricos que podem influenciar na caracterização e estruturação dos gêneros literários existentes e possíveis.

Há, na classificação dos gêneros, dois tipos: o histórico que depende dos acontecimentos e fatos, do desdobramento da história, e o teórico que depende da linha literária em que é construído. Para Todorov, o gênero é definido pelo movimento entre estes dois tipos, assim, também, podemos considerar a definição do gênero fantástico.

O conceito de gênero passa a ser analisado e estruturado pelo linguista para sustentar a definição da literatura fantástica enquanto gênero literário, segundo ele, depois de considerar alguns apontamentos sobre a noção de gênero de Northrop Frye⁵, podemos perceber que “...toda teoria do gênero assenta-se numa representação da obra literária” (TODOROV, 2010, p. 49).

Com o desenrolar da obra, Todorov busca classificar o fantástico apontando algumas definições linguísticas, além da questão do gênero. Passa a investigar as características semânticas e sintáticas do gênero fantástico, assim como a relação do leitor com o personagem e a narrativa, para tanto cita alguns autores como Penzoldt, Poe e Sartre.

Ao citar Sartre e Kafka, Todorov constrói uma perspectiva de comparação do fantástico ao que ele pontua como o fantástico tradicional e o fantástico moderno. Segundo ele,

⁵ Herman Northrop Frye, nascido em 1912 no Canadá, foi um dos críticos literários mais célebres do século XX. Tem seu nome citado na obra de Todorov quando o autor elabora uma investigação sobre os gêneros literários ao apontar as considerações dadas por Frye acerca da classificação dos tipos de literatura existentes.

a Literatura Fantástica teve uma origem sistemática com os escritores do século XVIII, mas passou por algumas transformações no século XX onde o fantástico deixou de existir na hesitação e confunde-se com o real.

No universo fantástico de Sartre não existe fronteiras, pontes ou portais que permitem os personagens saírem de um mundo e adentrarem em outro, para o filósofo, se um acontecimento fantástico for inserido no mundo regido pelas leis naturais, logo passará a ser também natural, mas, se o leitor considerar esse acontecimento como fabuloso, todo esse mundo se tornará fantástico.

Apesar das considerações de Todorov a respeito da brevidade do fantástico e da concepção de Sartre ao defender que o fantástico é a representação da condição humana, podemos considerar que tal gênero desperta, para além da hesitação, do estranhamento e do reconhecimento de uma existência caótica, uma certa curiosidade no leitor que pode fazer despertar um sentimento de reconhecimento e de identificação deste com a narrativa, visto que o cenário narrado e os personagens da obra apresentam características semelhantes com os seres e acontecimentos do mundo real.

Nesta perspectiva, da possibilidade de reconhecimento das problemáticas do mundo real através da Literatura Fantástica, mesmo que seja pelo breve momento da hesitação e do estranhamento do leitor face a um episódio sobrenatural ou, até mesmo, ao fantástico na obra, analisaremos, a seguir, a possibilidade de que a Literatura Fantástica se configure enquanto uma metodologia para o ensino da Filosofia.

3.2 A Literatura Fantástica no ensino de Filosofia

A realidade educacional que vivemos hoje apresenta alguns problemas, tanto estrutural quanto pedagógico e moral. É exigido dos professores que deem conta, além do conteúdo, de toda a problemática que envolve o processo de ensino/aprendizagem, assim como da criatividade em garantir metodologias de ensino envolventes e dinâmicas.

Segundo Cerletti, há, para além das questões estruturais, outros problemas que englobam a complexidade do ensinar Filosofia, a vertente ideológica seguida pelo profissional, por exemplo, é uma questão que pode influenciar na sua prática pedagógica de modo positivo ou negativo, uma vez que sua didática pode seguir o caminho da transmissão de conhecimento ou da construção deste junto aos alunos.

Desde o seu início, a atividade de ensino ou transmissão da filosofia esteve estreitamente ligada ao seu desenvolvimento. Ensinar ou transmitir uma

filosofia foi objeto originário de diversas escolas filosóficas e também uma ocupação de muitos filósofos (CERLETTI, 2009, p. 13).

Portanto, com o processo de institucionalização do ensino de Filosofia, há uma mudança de pensamento quanto ao posicionamento do professor, assim como do conteúdo a ser trabalhado e dos métodos adequados ao ensino. “O sentido de ‘ensinar filosofia’ estaria, pois, redefinido pelo sentido *institucional* que se outorga a esse ensino” (Idem).

Para além do sentido institucional apontado por Cerletti, devemos, enquanto profissionais da educação e professores de filosofia, pensarmos em nossa postura, no conteúdo abordado nas aulas de Filosofia, e de forma mais profunda na metodologia com a qual o processo de ensino/aprendizagem será construído.

Observamos inúmeras metodologias facilitadoras para a aquisição de conhecimento, porém, é necessário inovarmos sempre, levando em consideração a realidade dos alunos para quem direcionamos nossa prática. Neste sentido, esta pesquisa propõe a utilização da literatura fantástica como meio facilitador e sensibilizador para o ensino de Filosofia dos alunos do ensino médio, visto que este gênero literário está presente no rol de obras literárias de conhecimento e apreço dos jovens do século XXI, e mais que simples modinha ou cultura de massa, configura-se, enquanto parte identitária da juventude de nossa época, a medida que busca, na configuração dos conflitos entre seres imaginários e no cenário sobrenatural da obra, explicação e sentido para os conflitos da realidade em que se observa.

Na prática da leitura de obras fantásticas, há, além do aspecto lúdico, a transformação do leitor, pois diante do universo construído imaginativamente, é possível que construa novos conceitos e posicionamentos sobre o mundo. “A leitura em sentido amplo integra socialmente o leitor, pois por meio dela, se efetiva a apropriação e efetivação da cultura” (LEÃO, 2011, p. 40).

Sabemos de um vasto campo literário que nos proporciona uma viagem ao pensar filosófico. Obras que, através de universos paralelos, seres fantásticos, super-heróis e vilões, nos permitem enveredar pelos caminhos da Filosofia, buscando solucionar problemas éticos, políticos, metafísicos, estéticos... que, apresentados na narrativa fantástica, também fazem parte do nosso cotidiano.

O ensino de Filosofia através da Literatura Fantástica pode intensificar, no aluno, o interesse pela disciplina, porém, é necessário ir além e perceber que a literatura, neste caso, a fantástica, não é apenas um simples entretenimento, mas um despertar para a reflexão filosófica. Assim defende Gagnebin:

Filosofia e literatura são, ambas, disciplinas que vivem do enigma que permanece a respeito das relações entre linguagem e mundo. Talvez a filosofia queira, sim, ampliar a zona de clareza em redor do enigma – e para isso, a reflexão sobre suas formas retóricas e literárias só pode ajudar. Talvez a literatura consiga permanecer com mais tranquilidade na opacidade do enigma porque não pretende esclarecê-lo. Mas ela precisa lançar mão, para isso, de invenções e de figurações sempre renovadas, isto é, ela também precisa se aventurar pelos caminhos do pensamento (2016, p. 14).

O ensino da Filosofia pode se tornar mais instigante quando os problemas levantados por ela são representados por personagens e mundos que proporcionam, aos estudantes, admiração e encanto, que lhes permitam um reconhecimento e uma viagem a um universo de possibilidades.

Mundos repletos de representatividade, a exemplo de *Star Wars*⁶, onde o modo de ser dos *Jedi*⁷ e dos *Sith*⁸, representa o homem virtuoso e o homem não virtuoso de Platão. “Enquanto os *Jedi* buscam paz por meio da consciência plena e do controle de seus sentimentos, os *Sith* esperam usar a paixão, o poder e a força para o objetivo final de liberdade” (EBERL e DECKER, 2015, p. 19).

Um outro universo que nos permite uma aventura filosófica, criado pelo escritor inglês, poeta e também filologista Tolkien⁹, é o da Terra Média¹⁰, cenário de suas celebres obras *Senhor dos Anéis* e *O Hobbit*, onde o leitor adentra num mundo fantástico, repleto de seres fabulosos, dando início a uma aventura rumo ao desconhecido.

O *Hobbit* é uma história de aventura e também de crescimento pessoal. No começo da narrativa, Bilbo é um hobbit convencional, avesso a ação e amante do conforto. À medida que a história progride, ele ganha coragem, sabedoria e autoconfiança. Nesse aspecto a obra é similar a *Senhor dos Anéis*. Ambos são histórias de pessoas comuns – pequenas aos olhos dos sábios e poderosos – que realizam grandes feitos e alcançam estatura heroica ao aceitar desafios, suportar dificuldades e valer-se de inesperadas forças de caráter e de vontade (IRWIN, 2012, p. 13).

⁶ Filme do cineasta George Lucas, teve sua obra publicada em 1976 (o romance *Star Wars: from the Adventures of Luke Skywalker*), um ano antes de sua aparição nas telas de cinema. Com o passar dos anos e pelo grande apelo do público, o universo de *Star Wars* foi ampliado, tornando-se apesar do conteúdo ficcional, literatura fantástica.

⁷ A pronúncia correta é “jedaí”, refere-se aos guardiões da força, aqueles que controlam suas paixões pelo equilíbrio da razão, personagens fictícios do universo *Star Wars*.

⁸ Os *Sith* são um grupo de pessoas que se deixam levar pelo lado sombrio da Força, pretendem dominar a galáxia e destruir os *Jedi*. Se caracterizam pela busca apaixonada do poder, por serem ambiciosos e agirem de qualquer forma para alcançarem seus objetivos.

⁹ John Ronald Reuel Tolkien, conhecido internacionalmente por J. R. R. Tolkien, foi escritor e filósofo, nascido na África do Sul, em Bloemfontein (1892), radicado na Inglaterra, terra de seus pais, doutor em letras e filologia pela Universidade de Liège e Dublin, foi consagrado como um dos maiores autores de literatura fantástica de todos os tempos através de suas obras mundialmente famosas como: *O Senhor dos Anéis* e *O Hobbit* onde construiu um vasto universo denominado mundo fantástico ao que denomina Terra Média.

¹⁰ Terra Média é a terra fictícia do universo fantástico criado por J. R. R. Tolkien. Tem sua origem no termo anglo-saxão *middangeard* que se refere ao mundo dos homens.

Através destes e de outros universos fantásticos descritos e criados pela Literatura, o entendimento sobre questões filosóficas pode ser melhor construído, assim como o ensino da Filosofia se torna mais atraente aos que estão iniciando a aventura pelo saber, pois permite ao aluno um olhar de reconhecimento entre sua própria realidade e a maneira de perceber o mundo.

Outro universo bastante conhecido pelos adolescentes de hoje é o mundo criado pela escritora J. K. Rowling¹¹ em que conta a história e aventura do jovem bruxo Harry Potter e seus amigos, esta obra é de grande aceitação das crianças e adolescentes do século XXI, por esse motivo, escolhemos esta Literatura Fantástica como um dos recursos didáticos para o diálogo e construção filosófico-reflexiva de questões sobre ética, amor, amizade... abordadas durante as aulas. Veremos a construção metodológica das aulas de Filosofia a partir da utilização desta obra nos capítulos a seguir.

A Literatura Fantástica contemporânea e de alcance dos jovens nos dias atuais, pode permitir, como já aponta Todorov ao falar sobre o efeito do fantástico em nossa percepção de mundo, que os estudantes de Filosofia podem compreender problemas filosóficos através da reflexão dos conflitos apresentados em Harry Potter. Porém, existem considerações resistentes quanto ao uso da literatura popular no ensino de Filosofia, pois apontam o risco de que tal meio sirva mais como entretenimento que como instrumento capaz de possibilitar aos jovens um despertar filosófico.

Nossa pesquisa tende a desconstruir o pensamento de que obras de aceitação infanto-juvenil não apresentam um caráter educativo, mas apenas sejam instrumentos de manutenção da ordem e controle das massas, com propósito unicamente capitalista. No entanto, pensadores críticos da cultura de massa, a exemplo de Adorno, também veem na educação um meio pelo qual é possível libertarmos as pessoas de regimes opressores, proporcionando uma educação emancipadora que possibilite o desenvolvimento da autonomia do estudante.

Podemos, então, utilizar a Literatura Fantástica, lida e amplamente aceita pela massa, como instrumento capaz de fazer seus leitores ascenderem da alienação à autonomia de pensamento. Desse modo, há alguma conexão entre Filosofia e as obras de literatura fantástica que possibilite a construção de uma filosofia real ou boa reflexão filosófica.

O ato de filosofar começa com questionamentos e crianças são questionadoras por natureza, ávidas por aprender. Pensando nisto, podemos considerar que a Literatura Fantástica de alcance das crianças de nosso século, traz, em suas narrativas, universos complexos que apresentam questões desafiadoras e problemas próprios do cotidiano dos jovens, é claro que

¹¹ Joanne Kathleen Rowling, escritora britânica nascida em 1965, ficou mundialmente conhecida pelo universo fantástico da saga de sete volumes que conta a história do jovem bruxo Harry Potter.

nem todos identificarão facilmente questões filosóficas em suas leituras, para isto, a postura do professor de filosofia deve proporcionar ao aluno tais descobertas.

O Homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo ele faz de si mesmo. (SARTRE, 2012, p. 10)

Sob a perspectiva sartreana apresentada a cima, devemos pensar numa metodologia para o ensino de Filosofia que desperte no indivíduo a possibilidade de se perceberem livres, capazes de construir entendimento próprio sobre o mundo e a realidade em que vivem. Desse modo, consolidaremos, no próximo capítulo, a proposição apresentada nesta pesquisa, onde o uso da Literatura Fantástica no ensino de Filosofia pode se apresentar como uma proposta didática capaz de viabilizar um processo de construção de saberes filosóficos mais abrangentes e condizentes com a realidade e vivência dos alunos do ensino médio.

4. A LITERATURA FANTÁSTICA COMO PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NO CENTRO EDUCA MAIS ALMIRANTE TAMANDARÉ.

Este estudo teve início com a investigação em relação aos aspectos socioeconômicos e étnico-culturais dos alunos envolvidos, logo após os pais terem preenchido o termo de consentimento para que os estudantes fizessem parte do processo investigativo, visto que são menores de idade.

Em seguida, foi realizada a análise sobre o perfil, estrutura e localização do campo de estudo, assim como da possibilidade de o objeto da pesquisa ser trabalhado e explorado no ambiente em que foi proposta a construção do estudo. Assim que todo o campo da pesquisa e os participantes tiveram seus perfis estruturados, demos início ao desenvolvimento do trabalho.

O próprio documento que dá norte ao ensino de Filosofia e orienta a prática pedagógica dos profissionais responsáveis pela matéria Parâmetros Curriculares Nacionais de Filosofia (PCN's), mostra que, ao pensarmos em nossa metodologia, devemos refletir também qual a serventia da disciplina: serve ao mercado ou à consolidação do homem enquanto ser de reflexão, para além de uma mão de obra barata?

Os PCN'S de Filosofia tratam da necessidade desta disciplina para a formação da consciência do indivíduo. Nesta perspectiva, enquanto professores de Filosofia, devemos pensar nossas práticas para que nossos alunos alcancem tanto os objetivos sugeridos pelos Parâmetros, quanto os objetivos apontados na LDB 9.394/96, dentre os quais está o desenvolvimento da autonomia intelectual e do senso crítico do estudante.

O ensino de Filosofia não deve estar direcionado apenas aos conteúdos predeterminados pelo currículo escolar, nem mesmo às práticas vazias. Diante deste problema, o professor deve ter cautela para não adotar a postura de uma enciclopédia ambulante, tampouco de um animador de plateia. Assim diz Prado:

O professor não é, portanto, animador de debates, (...) ou o avivador de memórias adormecidas. Não é por outro lado, o agente principal, criador de conhecimentos na cabeça do discípulo, mas é auxiliar, causa adjuvante, que oferece ao discípulo, por apoios externos, uma rica contribuição para que ele, discípulo, chegue mais rápido e possa subir mais alto, na aquisição de conhecimentos. Quem conhece, quem aprende, o agente principal na aquisição da verdade, é o discípulo: o professor tem a nobre função de auxiliar. (Note-se: professor e ensino não necessariamente em escola, mas em todo o convívio humano em que o mais velho ajuda o mais moço e, de modo particular, pai e mãe, na convivência familiar (1991, p. 42).

A postura do professor e o objetivo do método de ensino devem estar voltados ao auxílio do estudante para que este construa conhecimento pelo uso de sua inteligência. Dessa

forma, o método de ensino deve ser o meio pelo qual o professor lecionará e enriquecerá a sua disciplina, não apenas um instrumento de descontração.

Pensando numa estratégia que abarcasse tanto o diálogo quanto o aguçamento da imaginação e a capacidade de abstração dos alunos, sem o arcabouço de uma mera distração, buscamos, nesta pesquisa, propor o uso da Literatura Fantástica no ensino de Filosofia, pois ao assumirmos a postura de educador e professor de Filosofia, faz-se necessário buscar meios para enriquecer e aprimorar nossas práticas.

Desde Sócrates, podemos perceber o uso de instrumentos linguísticos que aguçam o imaginário e promovem a construção de processos simbólicos – as alegorias -, uma delas é o mito da caverna que está presente em inúmeras aulas, teses, congressos, entre outros sobre as mais variadas temáticas da Filosofia, uma vez que contribui para a construção simbólica¹² de conhecimento e compreensão de mundo, mesmo que pelo uso da imaginação. Conforme pontua Gagnebin:

O movimento auto-reflexivo da filosofia sobre seu caráter de linguagem, seu caráter lingüístico, (sprachlich) no sentido amplo do termo, isto é, também sobre sua forma literária, permite, em termos de história da filosofia, uma leitura renovada, mais atenta à singularidade dos textos (2004, p. 14).

Admitindo que os discursos filosóficos e literários possibilitam boas práticas docentes, podemos lembrar que a própria Filosofia por vezes nos apresenta poética, uma vez que não se distancia da arte linguística. Enquanto exercício do pensar, ela está associada à rica tessitura de palavras.

Percebemos, atualmente, um crescente interesse dos jovens pela Literatura Fantástica, talvez pela produção cinematográfica direcionada ao universo fantástico, no entanto, é válido lembrar que a procura pelas obras seja mais acentuada entre aqueles que realmente estejam antenados com o universo ou pelos que, desde cedo, já estão habituados à arte da leitura.

Visto que o público desta pesquisa são estudantes do ensino médio e que, neste nível da educação brasileira, os estudantes ainda estão aprimorando habilidades para a aquisição de conhecimento, assim como dando os primeiros passos rumo a reflexão filosófica, faz-se necessário, junto aos conteúdos da disciplina, que o professor proporcione momentos para o desenvolvimento da capacidade de leitura, interpretação textual, análise crítica e escrita dos alunos.

¹² Entenda construção simbólica como o processo de conhecimento desenvolvido pela representação que os símbolos da narrativa fantástica conferem ao mundo real. Os mitos de outrora, assim como a literatura fantástica nos permitem aquisição de conhecimento para além da atividade racional, por um meio tantas vezes diminuído pela tradição filosófica, mas não menos eficaz: a imaginação.

Sabendo-se da importância de uma leitura crítica de toda e qualquer obra de literatura, em relação a obras de literatura fantástica, a leitura deve ser incentivada sempre, já que é constantemente procurada pelos jovens, sendo capaz de trazer reflexões importantes a respeito de muitos aspectos de nossa própria vida e sociedade, assumindo grande valor literário. O hábito da leitura sendo incentivado desde cedo, com a utilização de obras de ficção, facilita o desenvolvimento do prazer pela leitura. E isso é de fato algo importante e difícil atualmente (TREVISAN, 2016, p. 10).

A utilização da Literatura Fantástica no ensino de Filosofia permite não somente que o aluno adquira conhecimentos próprios dos conteúdos filosóficos, mas também proporcione o desenvolvimento de habilidades, métodos de pesquisa, abstração e reflexão filosófica que vai além da mera obtenção de conteúdos filosóficos específicos.

Neste trabalho, buscamos selecionar uma obra que é de fascínio dos jovens na atualidade e que desperta uma certa identificação dos leitores para com seus personagens, uma Literatura Fantástica que, pela aproximação com o real, apesar dos elementos mágicos e fantásticos, desperta além do interesse pela leitura, reflexões filosóficas profundas aos que entram em contato com sua narrativa. É importante considerar que a Literatura Fantástica proporciona saberes filosóficos também pela sua ludicidade, pela capacidade que possui de ensinar através do jogo simbólico entre o real e a fantasia:

O homem não é apenas faber, fabricante de instrumentos. É também um ser lúdico, homo ludens [...] O sentimento lúdico nos acompanha em toda nossa vida e aqueles que não o possuem têm uma vida incredivelmente triste. O homem não é apenas homo economicus, mas também homo mythologicus. Vivemos de mitologia, sonhos, imaginário. Essa é a concepção complexa do ser humano (MORIN, 2007, p. 92).

Esta pesquisa pretende se configurar como um estudo capaz de nos fazer perceber que, enquanto profissionais da educação, temos um valioso instrumento para engendrar, em nossos alunos, reflexões significativas em suas vidas. Não obstante, é imprescindível que façamos uso adequado da Literatura para que não a tomemos, assim como a Filosofia, algo distante da nossa realidade. Assim pontua Todorov: “às vezes os escritores, e também os críticos e os professores, esquecem que a grande vocação da literatura é dar sentido à nossa vida, e eles a encerram em um exercício estéril, puramente formal” (2009, p. 85).

Ao longo deste capítulo, descreveremos os procedimentos metodológicos, visto que necessitamos de um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2002, p. 17), seguido pela análise dos resultados obtidos sobre a proposta aqui apresentada. Entretanto, antes da construção

metodológica, apresentaremos o local que servirá de cenário para a aplicação de toda nossa pesquisa.

4.1 Contextualização do local da pesquisa

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola é o documento que define a identidade da instituição, “propõe uma direção política e pedagógica para o trabalho escolar, formula metas, prevê as ações, institui procedimentos e instrumentos de ação” (LIBÂNEO, 2005, p. 345). Apesar do PPP ser uma exigência expressa na LDB, N° 9.394/96, nem todas as instituições cumprem com a elaboração do documento e quando elaboram, fazem-no sem levar em consideração as reais necessidades da escola e sua construção não se dá de modo coletivo e adequado.

A escola campo desta pesquisa é o Centro Educa Mais Almirante Tamandaré que em 2017 passou por mudanças na modalidade de ensino que oferta. Algumas das informações obtidas sobre a nossa escola campo, antes de se tornar centro de educação integral, concentraram-se em relatos de antigos professores, pois, até o ano de 2018, o PPP da escola não existia. Obtive apenas, em minhas indagações aos docentes e gestores da escola, suposições de que chegou a existir, no entanto não foi possível localizar o arquivo

A informação mais profunda da história da escola, do período em que ofertava a modalidade regular de ensino, está descrita no PPP elaborado em 2019 pela comunidade escolar, a fim de garantir um, mesmo que tardio, ensino de qualidade garantido pela instituição

Segundo o documento supracitado, a escola campo desta pesquisa, antes de se tornar um centro de ensino em tempo integral, foi escola de tempo regular, cujo nome inicial era Colégio Integrado de 2º Grau Almirante Tamandaré, cuja inauguração ocorreu no dia 27 de janeiro de 1982, época em que João Baptista Figueiredo era o presidente da República e João Castelo Ribeiro Gonçalves, governador do Estado do Maranhão.

O nome da escola foi dado em homenagem ao Almirante Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré, que é o Patrono da Marinha do Brasil. Toda sua vida foi dedicada à Marinha, em períodos críticos da História do País. Ele nasceu em 13 de dezembro de 1807 e faleceu em 20 de março de 1897.

A escola Almirante Tamandaré foi criada a partir do decreto 8.906, de 30 de abril de 1981, no início era escola de ensino profissionalizante com os cursos de Metalurgia e Técnico em Contabilidade. Em setembro de 1989, a instituição passou pela primeira reforma; a segunda

ocorreu em 30 de abril de 2006, quando também foram comemorados os 25 anos de serviço do Centro de Ensino Médio Almirante Tamandaré.

Para contemplar as ações necessárias ao novo modelo de Ensino Médio – em Tempo Integral, a escola passou por mais uma reforma e adequação, não só no aspecto físico, mas também no nome que passou a ser Centro de Ensino Integral Almirante Tamandaré. Este fato ocorreu em 2017, no mandato do atual governador do Maranhão Flávio Dino de Castro e Costa.

As políticas educacionais adotadas no Estado do Maranhão visam atender o Plano Nacional de Educação (PNE), que projeta inserir e aumentar gradativamente os centros de educação integral em todo território nacional. Por sua vez, a LDB, em seu artigo 34, encontra-se a proposta de ampliação progressiva do tempo de permanência dos alunos na escola.

A educação em tempo integral foi pensada pelo programa Ensino Médio Inovador (EMI), instituído pela portaria nº 971, de 09 de outubro de 2009 como parte das ações do Plano Nacional de Educação –PDE (2014-2024). As secretarias de educação dos Estados são responsáveis pela seleção das escolas de ensino médio que participam do programa EMI, assim que elas estão inseridas no programa, passam a receber apoio técnico e financeiro por meio do PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) para elaborarem e desenvolverem suas Propostas de Redesenho Curricular (PRC).

O PRC deve estar de acordo com o projeto político-pedagógico da escola e articular as dimensões do trabalho, da ciência, cultura e tecnologia como apresentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - Resolução CEB/CNE nº 2 de 30 janeiro de 2012.

Ao atender o Plano Nacional de Educação e aderir ao programa Ensino Médio Inovador, o governo do Maranhão criou o Educa Mais, um novo modelo de escola pública que preza pelo pleno desenvolvimento do estudante, no qual este, junto à comunidade escolar, desenvolverá as competências que a vida e o mercado de trabalho exigirão. Este modelo também incentiva uma educação voltada para o exercício da cidadania e do protagonismo juvenil, através do qual o estudante estará comprometido com seu projeto de vida.¹³

Para contemplar as exigências do programa, a escola precisou construir o PPP/2019, mesmo que de forma tardia, pois em 2017, ano de implementação do modelo integral na escola, o projeto político-pedagógico era inexistente, o que gerou alguns transtornos quanto ao repasse de verbas e melhorias no ambiente escolar para a adequação da mesma proposta.

¹³ O Projeto de Vida é uma disciplina do modelo de educação integral que permite ao aluno, construir um plano de estudo e metas para a sua vida enquanto estudante do ensino médio. Para melhor compreensão do modelo Educa Mais, sua estrutura, objetivos e funcionamento é necessária uma breve pesquisa na página da SEDUC/MA. Não nos atentaremos mais ao modelo, pois foge ao que propõe a pesquisa, além de ser base para um trabalho mais aprofundado sobre os Centros Educa Mais em nosso Estado.

Após esta breve apresentação do modelo adotado pela escola Almirante Tamandaré, abordaremos, a seguir, a consolidação da nova estrutura da escola desde que ela se tornou Centro Educa Mais Almirante Tamandaré, em 2017.

Em 2016, todos os profissionais integrantes do quadro de professores e gestores passaram por um seletivo interno para ingressar nas escolas de tempo integral, o seletivo contou com as etapas: prova digital, tempo de experiência e apresentação de títulos. Os profissionais selecionados passaram por uma semana de formação antes da composição do quadro das instituições.

Em 2017, o Centro Educa Mais Almirante Tamandaré iniciou suas aulas com o quadro completo de professores, três gestores (geral, pedagógico e administrativo), oito turmas de primeiro ano, quatro turmas de segundo ano e três turmas de terceiro ano, cada turma com uma média de, aproximadamente, 30 a 40 alunos, num total de 500 alunos matriculados na escola.

Em 2018, sob a administração do gestor geral Oberdan Silva Sá, tivemos um total de 515 alunos, divididos em seis turmas de primeiro ano, seis de segundo ano e duas de terceiro; desde 2017, a escola possibilita, além das disciplinas curriculares, outras extras, como: Eletivas, Projeto de Vida, Pós - Médio, Práticas Laboratoriais de Química, Biologia, Física e Matemática, três horários para Estudo Orientado, além de contar com um refeitório, sala de professores, secretaria, biblioteca, auditório e um estacionamento fechado.

Em 2019, a escola sofreu alterações estruturais e administrativas. Foi proposta, pela SEDUC/MA uma nova equipe gestora, além da inauguração da quadra poliesportiva, espaço bastante almejado pelos alunos da instituição. A nova equipe diretiva foi composta pela gestora geral, Christiane Praseres Lima Cunha, pelo gestor administrativo e financeiro, André Luiz Lima Teixeira, e pela gestora pedagógica, Flávyta Soraya Mendes Machado dos Santos, que, devido pedido de licença maternidade, precisou ser substituída pelo gestor pedagógico Gaudino Marcos Cantanhede Gusmão. Neste mesmo ano, a escola começou com cinco turmas de cada série do ensino médio, totalizando quinze turmas com uma média de 35 a 40 alunos inscritos por turma, gerando um total de aproximadamente 550 alunos. O horário de aula da escola tem início às 7h30 e término às 17h, neste espaço de tempo a instituição oferece lanche matutino, almoço e lanche vespertino aos alunos.

Das cinco salas de segundo ano, foi escolhida para participar desta pesquisa a turma 201, pois devido alguns contratempos, como paralisações de funcionários em virtude do atraso em seus salários, falta de energia, de água e ações desenvolvidas sem planejamento adequado, foi a única turma em que a carga horária estava menos prejudicada, uma vez que tinham os horários intercalados e em dias que não sofreram muitos prejuízos de aula.

A carga horária da disciplina Filosofia na escola está dividida em duas horas semanais para as turmas de primeiro e de segundo ano, e uma hora semanal para as turmas de terceiro ano. Duas professoras ministraram as disciplinas na escola, a professora Carmen Praseres, graduada em filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), leciona a disciplina para os primeiros anos, e a professora Maria Dominici, também graduada em Filosofia pela UFMA, ministra a disciplina para os segundos e terceiros anos.

Além da carga horária pouco afetada pelos contratempos existentes durante o ano de 2019 na escola, a turma 201 foi escolhida para a pesquisa por ser espaço onde a professora pesquisadora deste trabalho ministra suas aulas e também por ser uma turma de grande receptividade e apresentar estudantes com características e interesses diversos.

Observamos que no Centro Educa Mais Almirante Tamandaré, todos os funcionários se empenham para fazer com que os estudantes alcancem seus sonhos, incentivando-os na construção de seus projetos de vida. O corpo docente desta instituição, assim como toda comunidade escolar, constitui uma grande família, em que, mesmo diante de conflitos, se auxiliam mutuamente a fim de consolidarem as metas indicadas no plano de ação da escola.

Findemos este tópico, destacando que a formação integral proposta nos Centros Educa Mais visa a formação plena do indivíduo, proporciona ao estudante uma construção de conhecimento que perpassa pela sua vivência histórico-social, faz do indivíduo um agente transformador de sua realidade, preparado não apenas para o mercado de trabalho, mas apto ao exercício da cidadania. Na subseção a seguir, trataremos de descrever os procedimentos metodológicos que proporcionaram o desenvolvimento da nossa pesquisa sobre o uso da Literatura Fantástica nas aulas de Filosofia.

4.2 Descrição dos procedimentos metodológicos

Quando tratamos de pesquisa científica, se faz necessário estabelecer alguns critérios que conduzam os estudos para que não trilhemos por caminhos incertos, visto isto, construímos o alicerce desta pesquisa classificando os procedimentos quanto a abordagem teórica e prática, tendo em vista os objetivos que pretendemos alcançar e os procedimentos metodológicos e técnicos utilizados durante a construção do estudo.

Antes de trabalharmos a metodologia proposta com os alunos e antes mesmo de darmos início a nossa pesquisa, fizemos a socialização da nossa proposta, primeiramente aos gestores da escola. Apresentamos a pesquisa à gestora geral e ao gestor pedagógico, posteriormente expusemos a pesquisa aos alunos da turma 201 e explicamos a importância da

execução desta para a consolidação do Mestrado e aprimoramento do profissional em suas práticas de ensino, pedimos, também, aos alunos, que comunicassem os seus responsáveis sobre a relevância do estudo para as aulas de Filosofia.

Com o objetivo de realizar um ensino de Filosofia que desperte um senso crítico-reflexivo nos estudantes do ensino médio, propomos analisar a utilização da Literatura Fantástica como recurso metodológico capaz de promover uma maior interação dos alunos com os conteúdos próprios da disciplina. Para a realização da pesquisa, utilizamos uma turma de segundo ano (201) do Centro Educa Mais Almirante Tamandaré que também é o local de trabalho da professora pesquisadora.

A questão sobre metodologias que possam assegurar uma melhor qualidade no ensino, impulsionou a nossa pesquisa tanto quanto a necessidade de trazer, aos jovens estudantes do ensino médio, o contato com a leitura de obras mais próximas da cultura em que estão inseridos – a Literatura Fantástica. Esta pesquisa aflorou no momento em que foi percebida a intervenção de alguns alunos durante as aulas de Filosofia em que indagavam sobre a relação entre a Filosofia e obras como *Harry Potter e a pedra filosofal*.

O método escolhido para tratarmos da abordagem da pesquisa é o método qualitativo, pois é um “meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 26). Por este método, pretendemos analisar como cada um dos participantes se posicionam diante do objeto proposto, de modo que possam expressar suas considerações a partir de suas próprias experiências durante a pesquisa.

Após algumas considerações sobre a Literatura Fantástica, percebemos que a relação entre Literatura e Filosofia não é algo recente, mas um casamento de longas datas. Porém, estudos sobre a utilização da Literatura Fantástica nas aulas de Filosofia ainda são bastante tímidos e escassos. Podemos dizer que esta pesquisa é uma raridade nessa linha de investigação, no entanto, como todo estudo, necessita de um começo. Iniciemos com o que diz Creswell sobre o problema da pesquisa que:

[...] pode se originar de muitas fontes potenciais. Pode provir de uma experiência que os pesquisadores tiveram em suas vidas pessoais ou em seus locais de trabalho. Pode decorrer de um debate extenso que tenha surgido na literatura. Pode se desenvolver a partir de debates políticos no governo ou entre altos executivos. As fontes dos problemas de pesquisa são, em geral, múltiplas (2010, p. 128).

Neste trabalho optamos por realizar um estudo de caso, método de pesquisa que geralmente faz uso de dados qualitativos, coletados a partir de experiências reais. Este método

consiste em explorar, explicar ou descrever fenômenos que se apresentam durante o estudo. É um método bastante utilizado nas ciências, especialmente nas ciências humanas e se caracteriza por ser um estudo detalhado e que nos proporciona um conhecimento profundo sobre o objeto investigado.

Para Yin, importante pesquisador sobre o estudo de caso, esse método se configura como uma pesquisa investigativa de fenômenos atuais dentro de seu contexto real, mesmo em situações onde as fronteiras entre o fenômeno e o contexto ainda não estão nitidamente estabelecidos.

Quando temos em mente questões sobre o “porquê” da proposta em estudar temáticas filosóficas a partir da reflexão crítica de obras de Literatura Fantástica, e “como” essa proposta pode contribuir para o aprendizado em sala de aula, podemos utilizar o estudo de caso como estratégia para a pesquisa. Assim pontua Yin:

[...] os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. Pode-se complementar esses estudos de casos "explanatórios" com dois outros tipos – estudos "exploratórios" e "descritivos" (2001, p. 19).

Quanto aos objetivos da pesquisa, esta é uma análise de caráter exploratória descritiva, visto que o tema aqui proposto, apesar de alguns estudos similares, ainda é um campo pouco empreendido e poderá servir de base para estudos posteriores. Como é uma pesquisa de caráter exploratório, necessitamos fazer um levantamento bibliográfico mais abrangente, mesmo tendo em Todorov os fundamentos de nosso estudo, foi imprescindível um arcabouço bibliográfico para complementá-lo, por este motivo, obtemos informações sobre o assunto em revistas, artigos, teses, livros e material disponibilizado na internet.

Esta pesquisa, enquanto estudo de caso, além de explorar conteúdos sobre o tema, também possui caráter descritivo, visto que utilizamos um caderno de anotações para realizar as observações diárias acerca do contato dos alunos com o objeto proposto em nossa pesquisa. Consideramos esta análise descritiva e bibliográfica, porque além de explorar o universo bibliográfico construído em Literatura e Filosofia, descreveremos como a Literatura Fantástica, enquanto gênero literário, pode contribuir para o ensino filosófico dos estudantes do segundo ano do ensino médio.

A pesquisa desenvolveu-se a partir da inquietação sobre o potencial filosófico das obras de literatura fantástica, assim como, do questionamento sobre a possibilidade de utilizá-las como recurso metodológico nas aulas de filosofia. Para realizarmos nossa pesquisa,

recorremos ao estudo sobre literatura fantástica em Todorov, Sartre e outros pensadores que se debruçaram sobre este gênero literário. Buscamos também, fontes sobre metodologias do ensino de Filosofia, especificamente para o Ensino Médio.

A turma escolhida para o desenvolvimento da pesquisa (201) serviu de espaço para a prática de ensino e aprendizagem proposta neste estudo, onde trabalhamos questões sobre o existencialismo a partir da leitura de trechos da obra *Harry Potter e a pedra filosofal*. Além da sala de aula, utilizamos a sala de leitura para a dinâmica de leitura e representação que se consolidou como um momento muito interessante do processo. Descreveremos a seguir o procedimento adotado para o funcionamento da dinâmica.

Para a realização desta pesquisa trabalhamos com a sequência didática que se configura enquanto “conjunto de atividades, estratégias e intervenções planejadas etapa por etapa pelo docente para que o entendimento do conteúdo ou tema proposto seja alcançado pelos alunos” (KOBASHIGAWA et al., 2008, p. 214). Para que o desenvolvimento da pesquisa fosse realizado, seguimos os seguintes passos:

1º passo: aplicamos um questionário socioeconômico com questões abertas e fechadas para que pudéssemos conhecer a realidade social e econômica dos alunos envolvidos, seguido por outro questionário étnico-cultural para que os alunos envolvidos na pesquisa respondessem questões sobre o conhecimento deles acerca da literatura fantástica, sobre as experiências que tiveram com alguma obra literária, a frequência que leem, o significado da leitura em suas vidas, se já pensaram na relação que tais obras possam ter com a filosofia, e suas experiências com a disciplina nas séries e anos anteriores. Os questionários foram aplicados em sala de aula através da plataforma *Google Forms*¹⁴, onde um link com os questionários foi disponibilizado aos alunos para que respondessem em seus celulares. Realizamos este procedimento em sala de aula, pois alguns alunos não têm acesso à internet em casa. Após o preenchimento do formulário, expusemos aos alunos o conceito de Literatura Fantástica em Sartre e Todorov para que compreendessem o gênero literário que serviria de recurso metodológico para o desenvolvimento das aulas de Filosofia e, em seguida, disponibilizamos a obra *Harry Potter e a pedra filosofal* que serviu de base para a aplicação do estudo, oferecemos exemplares da obra em PDF e um livro impresso.

2º passo: realizamos aula expositiva e dialogada sobre a condição humana, trabalhamos os conceitos de angústia e liberdade próprios do existencialismo moderno. Para a

¹⁴ O *Google Forms* é um aplicativo gratuito que possibilita ao usuário criar e acompanhar pesquisas, desenvolver avaliações com questões discursivas ou de múltipla escolha. Esta ferramenta é ideal para quem necessita fazer pesquisas de campo e obter respostas em pouco tempo.

construção conceitual, os alunos tiveram que refletir sobre a fala de Dumbledore (personagem icônico da obra de J.K. Rowling): “são as nossas escolhas, mais do que as nossas capacidades que mostram quem realmente somos. ”

3º passo: a partir dos conceitos dados pelos alunos ao refletirem sobre a frase da aula anterior, iniciamos uma discussão onde foi apresentado aos alunos o conceito de liberdade em Jean-Paul Sartre, pois segundo o filósofo, nossa existência precede nossa essência, aí está a liberdade humana. Ao iniciarmos a aula fizemos as seguintes indagações: O que é liberdade? O que é essência? Quem existe e qual o sentido de existir?

4º passo: organizamos uma roda de leitura onde foi realizada a leitura de um trecho do capítulo doze da obra *Harry Potter e a pedra filosofal*, este capítulo trata do espelho de *Ojosed*¹⁵ que reflete os desejos mais íntimos daqueles que o utilizam. Após a leitura do capítulo foram feitas as seguintes perguntas aos alunos: O que você veria se estivesse diante do espelho de *Ojosed*? Seu desejo mais profundo diz quem você é? Você seria feliz se realizasse seu desejo? O que é felicidade? Vale a pena mergulhar num sonho e esquecer de viver? Estas questões impulsionaram o diálogo sobre a existência humana e a construção do conceito de felicidade a partir do existencialismo sartreano.

5º passo: iniciamos uma prática dialógica lúdica, através da qual foi realizada a leitura coletiva do conto presente na obra *Harry Potter e as relíquias da morte*, chamado de *O conto dos três irmãos*¹⁶. Após a leitura, foram apresentadas aos alunos as relíquias da morte citadas no conto: a pedra da ressurreição capaz de trazer qualquer pessoa do mundo dos mortos, a varinha das varinhas, cujo poder subjuguava qualquer varinha mágica e a capa da invisibilidade que permitia o poder da invisibilidade ao seu dono. Os alunos, um por um, escolheram algum dos artefatos e explicaram o motivo de tê-lo escolhido e o que faria de posse dele. Como finalização da dinâmica os alunos teceram considerações sobre a morte, a amizade e a influência que o poder tem sobre os seres humanos.

6º passo: organizamos a sala de aula em quatro equipes de acordo com as casas da escola de magia presente na obra de literatura fantástica de J. K. Rowling (Grifinória, Sonserina, Corvinal e Lufa-lufa) na qual os alunos produziram textos sobre os conteúdos abordados

¹⁵ O espelho de *Ojosed* é um artefato mágico da narrativa fantástica presente na obra de J.k. Rowling intitulada *Harry Potter e a pedra filosofal*, este artefato tem o poder de revelar os desejos mais profundos e desesperados daqueles que se veem refletidos nele, fazendo com que muitos confundam o objetivo do espelho e acreditem estar visualizando algo que conquistarão no futuro. Muitos que utilizam o espelho ficam dependentes das projeções feitas pelo objeto.

¹⁶ O conto dos três irmãos narra a história do encontro de três irmãos com a morte, onde, ao superarem um desafio proposto pelo ser sombrio, ganharam os artefatos mágicos mais cobiçados pelo universo bruxo, as relíquias da morte (a pedra da morte, a varinha das varinhas e a capa da invisibilidade).

durante as aulas. Os textos construídos abordaram a relação entre Filosofia e a narrativa fantástica presentes no universo literário de *Harry Potter*.

7º passo: nesta aula fizemos a exposição e tecemos comentários sobre as produções textuais construídas pelas equipes. Aproveitamos para realizar algumas correções ortográficas e para observar a estrutura das produções textuais, além de trabalharmos novas abordagens apresentadas pelos alunos em suas produções, como o feminismo, o totalitarismo, racismo e outras temáticas presentes no universo do bruxo *Harry Potter*.

8º passo: após trabalhada a metodologia proposta pela pesquisa, fizemos um questionário com perguntas fechadas e abertas, aplicado em sala de aula, sobre a prática dos estudantes durante as aulas. O questionário serviu de instrumento de avaliação dos estudantes, onde puderam tecer suas considerações sobre a utilização da Literatura Fantástica nas aulas de Filosofia.

Salientamos que esta é uma pesquisa qualitativa que também faz uso de métodos quantitativos, pois alguns dados precisam ser quantificados para um resultado mais acertado sobre o estudo proposto. No primeiro e no oitavo passo realizamos questionários que nos permitiu dados obtidos tanto qualitativamente quanto quantitativamente. Do segundo ao sétimo passo, nossa pesquisa foi majoritariamente qualitativa, visto que esta é a abordagem central do nosso trabalho, pois nos permite observar as múltiplas considerações dos alunos, tendo em vista suas experiências, atitudes e crenças.

A participação dos alunos, seus comentários, críticas e questionamentos, assim como a produção realizada no sexto passo apresentado a cima, serão descritos na próxima subseção, que trata da apresentação e análise dos resultados obtidos a partir da metodologia utilizada. Contribuíram para a obtenção dos resultados, as considerações feitas no caderno de anotações, que possibilitou a construção de um diário de bordo, gravações das aulas e os questionários, apresentados no primeiro e no oitavo passo, aplicados através do *google forms*.

4.3 Apresentação e análise dos resultados

Ao iniciarmos a pesquisa, constatamos que todos os alunos da turma 201 mostraram interesse em participar do estudo, de início a turma possuía 34 alunos, mas um deles pediu transferência da escola, restando 33 alunos participantes. Durante toda a aplicação da pesquisa não houve alteração em seu público, pois todos os estudantes continuaram até o final do estudo.

Optamos por realizar a pesquisa em apenas uma sala de aula, devido os contratemplos ocorridos no campo de estudo, pois passamos por períodos de paralisações e readaptações nos

horários de aula. Ressaltamos que a nossa tarefa se configura como um estudo de caso, através da qual escolhemos um público alvo para analisar a utilização da Literatura Fantástica como recurso metodológico capaz de possibilitar um ensino de Filosofia de qualidade e inovador aos estudantes do ensino médio da rede pública do Maranhão.

A pesquisa foi dividida em oito passos, que ocorreram em oito encontros. Foi realizado um encontro de uma hora e quarenta minutos (duas horas/aula) e sete encontros de cinquenta minutos (uma hora/aula). Os encontros ocorreram nos meses de novembro e dezembro de 2019 com alunos do segundo ano do ensino médio, na sala de aula da turma 201, apenas um dos encontros onde foi desenvolvida a dinâmica do quinto passo, aconteceu na sala de leitura, pois necessitávamos de um espaço maior e mais reservado para o desenvolvimento da leitura lúdica.

Como primeiro procedimento para a realização da pesquisa realizamos um questionário socioeconômico (vide apêndice A), onde os alunos responderam questões relacionadas a sua realidade econômica e condição social, e outro pedagógico, onde expuseram suas experiências e expectativas em relação ao ensino de filosofia através da literatura fantástica e da literatura em geral.

Constatamos, por meio do questionário socioeconômico, que 93,9% dos estudantes pertencem a faixa etária de 16 a 17 anos, estão cursando o segundo ano do ensino médio. Observamos, também, que 93,9% não residem no mesmo bairro onde está situada a escola em que estudam, 90,9% utilizam meio de transporte para ir à escola, 36,4% dos alunos utilizam ônibus como meio de transporte e 12,1% utilizam carro.

Observamos que a maioria dos estudantes participantes moram em residência própria (90,9%), a renda mensal do grupo familiar de 45,5% dos alunos participantes da pesquisa é de dois a três salários mínimos e que 100% dos estudantes não exercem atividades remuneradas, apenas estudam. São adolescentes oriundos de famílias com uma renda razoável, cuja escolaridade dos responsáveis está entre ensino médio completo (69,7%), ensino superior (15,2%) e pós-graduação (9,1%). Apenas 6,1% dos alunos responderam que seus responsáveis pararam os estudos no nível fundamental.

Ainda de acordo com o questionário socioeconômico, constatamos que o meio de comunicação mais utilizado pelos estudantes são as redes sociais e a internet (42,4%), seguidas pelo jornal falado (12,1%) e pelo jornal escrito (3%). Notamos, a partir destas informações, a grande presença da comunicação virtual no cotidiano dos nossos alunos, tendo em vista o contexto da era digital em que estão inseridos.

Analisando os dados obtidos a partir do questionário pedagógico, observamos que todos os alunos da pesquisa têm aulas de Filosofia ministradas por profissional habilitado na

disciplina. 100% dos alunos participantes da pesquisa disseram gostar das aulas de Filosofia, ou por serem aulas dinâmicas ou por terem apreço pelo professor.

Ao serem questionados sobre a prática de leitura, 51,5% dos estudantes disseram não lerem com frequência, enquanto que 48,5% responderam que leem pelo menos um livro por mês. O tipo de literatura que mais gostam é ficção científica e ação (18,2%), seguidos por terror (12,2%) e Literatura Fantástica (12,1%). 63,6% disseram terem experiência com a leitura de obras de Literatura Fantástica e 93,9% consideram a literatura um bom recurso didático para as aulas de Filosofia e gostariam de aprender filosofia através da literatura fantástica.

Os dados obtidos através dos questionários socioeconômico e pedagógico nos permitiu conhecer o perfil dos alunos participantes da pesquisa, também nos possibilitou compreender a realidade dos estudantes, assim como suas experiências com a disciplina Filosofia e suas aspirações sobre a Literatura Fantástica como recurso facilitador do processo de aprendizado durante as aulas.

Para que os alunos tivessem uma melhor compreensão acerca do gênero literário fantástico, apresentamos, também no primeiro passo, a definição de literatura fantástica, utilizamos os conceitos abordados pelo linguista Todorov e pelo filósofo existencialista Sartre. Abordamos a perspectiva todoroviana ao trabalharmos o conceito tradicional da literatura fantástica que, segundo o estudioso, se configura como “o momento de hesitação entre o fantástico e o real” (TODOROV, 2010, p. 28) que a narrativa provoca no leitor. Fizemos o contraponto da perspectiva tradicional utilizando o conceito moderno de Sartre, onde define a literatura fantástica como “o enfrentamento de um mundo real que está às avessas, é o caos do mundo moderno que contribui para a atmosfera fantástica” (2005, p. 138).

Após a exposição sobre o conceito de literatura fantástica, apresentamos a obra *Harry Potter e a pedra filosofal* aos estudantes, disponibilizamos a todos, exemplares em PDF para que fizessem leitura prévia da obra, além de ofertarmos um livro impresso para quem não dispusesse de instrumentos de leitura em PDF.

No segundo passo iniciamos a aplicação do recurso metodológico proposto nesta pesquisa como facilitador da aprendizagem de Filosofia. Iniciamos a aula sobre o existencialismo sartreano com a seguinte frase retirada da obra *Harry Potter*: “são as nossas escolhas, mais do que as nossas capacidades que mostram quem realmente somos.” Pedimos aos alunos¹⁷ que refletissem sobre a frase e dessem suas considerações. Conseguimos obter as seguintes considerações dos alunos:

¹⁷ Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, optamos por utilizar nomes fictícios próprios do universo *Harry Potter*, os nomes foram dados aos alunos por meio de sorteio, onde foi disponibilizado uma caixa

Tabela 1: Liberdade

Trelawney	Sempre estamos fazendo escolhas e isso diz quem a gente é.
Sibila	Eu que tenho o poder de escolher quem sou.
Harry	Nós somos bons ou maus pelas escolhas que fazemos no dia a dia.
Rony	Não tenho destino, eu quem construo minha vida.
Draco	Deus me deu o livre arbítrio para fazer escolhas e cuidar do mundo.
Tom Ridlle	Eu sou aquilo que escolho, não o que pareço ser.
Molly Wesley	Parece com o que aconteceu com o Voldemort, mesmo ele sendo um bom aluno na adolescência e de boa família, ele escolheu fazer coisas ruins.

Fonte: Dados da pesquisa

Após as reflexões dos alunos, continuamos a aula expositiva e dialogada sobre o conceito de liberdade e angústia em Jean-Paul Sartre, nos debruçamos na frase do filósofo em que diz “Ser é escolher-se” retirada do livro didático¹⁸ de Filosofia adotado pela escola que faz referência à obra do autor intitulada *O Ser e o nada*. A partir dos diálogos em sala, desenvolvemos o conhecimento acerca da abordagem existencialista e dos conceitos de angústia e liberdade em Sartre.

No terceiro passo da sequência didática, ainda seguindo a abordagem existencialista de Sartre que conceitua a liberdade como condição humana, iniciamos a aula com as seguintes questões: O que é liberdade? O que é essência? Quem existe e qual o sentido de existir? Ao serem indagados, os alunos responderam oralmente das seguintes formas:

com nomes femininos e outra com nomes masculinos. Os alunos retiraram um por vez um nome da caixinha escolhida e anotavam ao lado do seu nome na lista de frequência de aula, podiam retirar outro nome caso o anterior não lhes agradasse.

¹⁸ O livro didático adotado pela escola é o *Fundamentos da Filosofia* de Gilberto Cotrim, cuja edição data de 2017. A referência teórica base das aulas é retirada deste livro, porém não é a única utilizada nas aulas de filosofia haja vista que necessitamos de uma vasta bibliografia para que tenhamos um ensino de qualidade.

Tabela 2 - Liberdade

O que é liberdade?	
Rony	É fazer o que eu quero.
Hagrid	É poder fazer escolhas.
Gina	Sou livre quando posso escolher o que quero, sem ter influência de ninguém, como quando o Harry Potter escolheu ser da casa Grifinória mesmo o chapéu seletor dizendo que ele deveria ir pra Sonserina.

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 3 – Existencialismo

O que é essência?	
Hermione	É quando eu tenho uma origem. Aquilo que pode diferenciar um bruxo de um trouxa, por exemplo.
Dobby	É aquilo que eu sou, eu tenho uma essência, uma identidade.
Gina	A base de uma pessoa.
Harry	Essência é ter uma identidade.

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 4 – Existencialismo

Quem existe e qual o sentido de existir?	
Draco	Todos os homens existem e o sentido da nossa existência é Deus.
Lilian	A gente existe e o sentido da nossa existência é ter uma vida boa.
Umbridge	Não é só a gente que existe, os animais também existem e todas as coisas dão sentido para nossa existência porque cada um no mundo depende do outro para viver.
Snap	Eu existo, eu acho, talvez tudo seja um sonho e nada exista de verdade.
Tiago Potter	Não sei se tem sentido na existência, mas eu existo porque estou aqui falando sobre filosofia.
Hagrid	Quem existe é quem é livre porque tem consciência e é racional. O sentido da minha existência é saber que eu existo.

Fonte: Dados da pesquisa

Observamos, a partir das respostas dadas pelos alunos que, cada um deles, através das experiências vividas, pelo contexto social em que estão inseridos e pelo próprio entendimento acerca dos conteúdos e conceitos abordados durante a aula, pôde elaborar seu próprio entendimento sobre a noção de liberdade apresentada. Notamos, também, que alguns dos alunos que responderam as questões apresentadas, relacionaram o seu pensamento a uma situação presente na narrativa da obra *Harry Potter e a pedra filosofal*.

Notamos que, mesmo de forma tímida, os alunos conseguiram desenvolver, com maior facilidade, o entendimento acerca das questões apresentadas, talvez por disporem de um recurso mais próximo de sua realidade, com uma linguagem mais acessível como a narrativa fantástica combinada ao conteúdo estudado.

No quarto passo, iniciamos a aula organizando a turma em uma roda de leitura para qual foi disponibilizado um trecho da obra *Harry Potter e a pedra filosofal* (vide apêndice B) que trata do espelho de *Ojesed*. Neste trecho é narrada a descoberta pelo bruxo de um artefato mágico que possibilita, a quem se reflete nele, vislumbrar seus desejos mais íntimos. Após a leitura, os alunos foram solicitados a responder as perguntas que havíamos selecionado. Obtivemos oralmente as seguintes respostas dos estudantes:

Tabela 5 – O espelho de Ojesed

O que você veria se estivesse diante do espelho de <i>Ojesed</i> ?	
Harry	Veria minha mãe novamente.
Rony	Me veria formado em medicina.
Ariana	Eu ganhando na mega sena.
Nagine	Me veria trabalhando e ajudando minha família.
Petúnia	Veria todo mundo junto da minha família.
Alastor	Me veria aprovado no vestibular.

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 6 – O espelho de Ojesed

Seu desejo mais profundo diz quem você é?	
Rony	Não, só algo que quero muito.
Hermione	Acho que em parte diz o que sou.
Harry	Talvez aquilo que queremos diga aquilo que somos ou o que poderemos ser.

Molly Wesley	Eu sou um pouco de cada coisa, acho que sou um jovem em construção, ainda quero conhecer muita coisa.
-----------------	---

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 7 - O espelho de Ojesed

Você seria feliz se realizasse seu desejo?	
Nagine	Eu seria muito feliz.
Harry	Sim, não sei o que poderia me deixar mais feliz.
Petúnia	Sim.
Ariana	Com total certeza!

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 8 – O espelho de Ojesed

O que é felicidade?	
Harry	Acho que é o que nos faz sentir bem.
Ariana	Felicidade é ter a alma em paz.
Rony	Felicidade é quando você se sente bem com algo que tem ou deseja ter e consegue ter.

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 9 – O espelho de Ojesed

Vale a pena mergulhar num sonho e esquecer de viver?	
Alastor	Sonhos são ilusões, a gente precisa viver o real pra alcançar os nossos objetivos no futuro.
Ariana	Sonhar com o que a gente deseja é muito bom, mas precisamos viver pra conquistar nossos sonhos.
Harry	Não podemos só viver sonhando, porque isso nos faz perder tempo e esquecer que temos que estudar pra ter o que queremos.
Hermione	Nunca devemos nos apegar a sonhos impossíveis como o Harry estava se apegando, senão a vida deixa de ter sentido.
Petúnia	As pessoas que amamos devem ser lembradas como num sonho, mas isso não pode atrapalhar a nossa vida.

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados obtidos a partir do quarto passo, nos possibilitou perceber que os alunos puderam analisar situações próprias da nossa realidade também presentes na narrativa fantástica. Tendo como recurso a narrativa acerca do espelho de *Ojosed*, os estudantes refletiram sobre o conceito de felicidade e conseguiram certa aproximação com alguns conceitos filosóficos, como o dado pelos epicuristas ao defenderem que felicidade é a imperturbabilidade da alma perante os infortúnios da vida.

Observamos, no decorrer das aulas, que os alunos foram capazes de desenvolver reflexões filosóficas através do cruzamento das situações próprias de suas experiências, da narrativa fantástica trabalhada nas aulas e dos conteúdos filosóficos abordados. Notamos que, ao trazermos a narrativa fantástica para a sala de aula, conseguimos fazê-los perceber que a Filosofia não é propriedade apenas de uma tradição filosófica fechada em livros, mas produto daquele que pensa a si e a sua realidade.

No quinto passo, construímos um cenário mais próximo da narrativa fantástica, para que através do lúdico, os alunos pudessem mergulhar no fantástico e desta imersão trazer à tona a mais profunda reflexão filosófica acerca do conteúdo trabalhado. Optamos por trabalhar um conto presente na obra Harry Potter, chamado o conto dos três irmãos (vide apêndice C), para o local de realização da dinâmica, escolhemos a sala de leitura da escola, pois é um ambiente mais privativo e amplo.

A aula do quinto passo contou com um tempo de duas horas/aula (1h40), na qual nos organizamos em roda para fazermos a leitura coletiva do conto, cada aluno, por escolha livre, leu um parágrafo do conto. Após a leitura, os alunos foram instigados a relatarem sobre o que entenderam do conto. Depois de darem suas interpretações sobre a narrativa, foi disponibilizado um baú com as relíquias da morte descritas no conto dos três irmãos. Cada aluno, um por vez, escolheu uma das relíquias e expôs, oralmente, o motivo de sua escolha e a relação do artefato escolhido com o que havia sido trabalhado nas aulas anteriores.

Observamos os seguintes relatos dos alunos sobre a experiência na aula do quinto passo:

Tabela 10 - O conto dos três irmãos

Alastor Moody	Entendi da leitura do conto que devemos fazer escolhas sábias porque tudo o que a gente faz traz consequências.
Sirius Black	Precisamos ter mais sabedoria para não deixar nossas ambições fazerem com que escolhamos mal.

Gina	Todos os irmãos tinham desejos diferentes, o primeiro queria ser poderoso, o segundo queria trazer a amada morta de volta a vida, mas o terceiro foi sábio e quis algo que o ajudasse a se esconder da morte.
Molly Wesley	Eu acho que a maior questão está na ambição dos irmãos, não nas relíquias, porque elas não foram feitas nem para ao mal, nem para o bem. Mas os dois irmãos que foram mais ambiciosos, não souberam escolher sabiamente e acabaram sendo pegos pela morte.
Belatrix	Nossas escolhas são importantes tanto para definir quem somos quanto pra construir nosso futuro. Para mim, o mais humilde dos irmãos, foi o mais sábio. Parece até com Sócrates.
Dumbledore	Entendi que nem sempre o que parece ser o melhor pra gente é realmente o que nos fará bem.

Fonte: Dados da pesquisa

Quando instruídos a escolherem uma das relíquias da morte e falarem sobre o motivo da escolha, os alunos deram os seguintes relatos:

Tabela 11 - As relíquias da morte

Trelawney	Escolho o anel da ressurreição pra trazer quem eu amo de volta.
Tom Riddle	Eu quero a capa da invisibilidade pra saber o que falam de mim.
Lupin	Escolho a capa pra poder viajar sem precisar pagar.
Narcissa	Eu prefiro a varinha porque vou poder fazer qualquer feitiço que eu quiser e ninguém vai poder me impedir.
Tonks	Eu também quero a varinha porque posso transformar todos os políticos em ratos.
Dobby	Tia, eu escolho a capa da invisibilidade porque vou poder ajudar pessoas.
Cedrico	Eu prefiro a varinha porque ela é a mais poderosa de todas.
Dolores	Eu escolho a varinha porque posso fazer qualquer feitiço com ela e acabaria com a injustiça, a guerra e ajudaria as crianças que passam fome no mundo.

Fonte: Dados da pesquisa

Observamos, nos relatos dos alunos, que o entendimento de cada um em relação a mensagem do conto é construído, não apenas com o que a narrativa apresenta, mas, também, com a percepção de mundo já construída ao longo da experiência deles. Notamos que alguns

alcançaram o sentido do texto, mas outros, ainda que conhecedores do desfecho da narrativa, colocaram as suas experiências e ambições a frente do que puderam abstrair do conto.

Podemos conceber a partir desta experiência, que o ensino de Filosofia é algo que vai além de uma perspectiva linear do que se ensina e do que se aprende, pois, os seres humanos aprendem de forma múltipla. Ao ensinar Filosofia ou filosofar, precisamos de recurso que desperte muito mais que a própria racionalidade. Talvez, a experiência, as sensações e a imaginação criativa, possam empregar sentido à vida, bem mais que a própria razão.

No sexto e no sétimo passo, escolhemos trabalhar com produção textual, onde os alunos, organizados em grupos, desenvolveram textos livres (sem formatação específica) sobre o que foi trabalhado durante as aulas anteriores. Cada grupo foi definido conforme a afinidade dos alunos, organizamos um grupo com nove componentes e três grupos com oito componentes cada, optamos por dividir dessa forma porque temos trinta e três alunos participantes na pesquisa. Os grupos escolheram como identificação, um nome de acordo com as quatro casas do castelo de Hogwarts¹⁹ e desenvolveram seus textos com base em temáticas filosóficas abordadas na narrativa fantástica do universo Harry Potter.

No sexto passo, foi disponibilizada uma aula de cinquenta minutos para que os alunos se organizassem nos grupos e começassem a pensar na temática a ser desenvolvida e na construção do texto. Optamos por receber o texto apenas no sétimo passo que ocorreu na aula seguinte. Na aula do sétimo passo, os alunos expuseram os textos criados e teceram comentários sobre os demais textos apresentados, a troca de experiências favoreceu o desenvolvimento de uma aula dialógica e muito proveitosa ao ensino de filosofia

As produções textuais foram construídas das seguintes formas:

Tabela 12 – Produção textual

Equipe Grifinória
<p>A angústia de ser livre (Rima)</p> <p>Preste atenção! A vida é feita de escolhas, É você quem toma a decisão!</p>

¹⁹ O castelo de Hogwarts é o castelo mágico da obra de J. k. Rowling. Foi construído por um arquiteto bruxo que o fez opulento e com várias torres. Ele é famoso por abrigar a escola de magia e bruxaria de Hogwarts. Segundo Alvo Dumbledore, diretor da escola, o castelo é uma fortaleza de magia antiga.

O seu futuro depende de você,

Você é livre,

Basta escolher ser.

Você é responsável pelo seu sucesso ou fracasso.

Não existe Deus, natureza ou destino,

É você quem faz o seu caminho!

O diabo amassa o pão pra você comer,

Você é livre, basta escolher:

Se come ou se morre de fome

Sempre vão aparecer problemas

Durante a trajetória da vida,

E as decisões são como passagens de ida.

É angustiante saber

Que tudo só depende de você.

É como Sartre disse:

Estamos condenados a sermos livres!

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 13 – Produção textual

Equipe Sonserina
<p style="text-align: center;">Voldemort é Hitler (Uma pequena consideração sobre as duas serpentes)</p> <p>É clara a relação entre esses dois nomes, personalidades um tanto parecidas que desejaram sobre tudo e todos, o domínio de uma raça sobre as outras. Hitler acreditava que somente a raça ariana era digna de vida, já Voldemort acreditava que só aqueles de sangue puro (nascidos de famílias bruxas) eram dignos do mundo mágico. Esta é a aterrorizante semelhança entre ambos, pois criaram ondas de violência que imperaram em seus mundos.</p> <p>Os judeus, assim como os trouxas correram grande risco, na fantasia, pela ascensão de Voldemort e na vida real, durante o governo de Hitler. No universo de H.P. Voldemort era seguido pelos comensais, em nosso mundo, os nazistas são apoiadores do tirano. Os símbolos</p>

de horrores que marcaram a presença do medo e da devastação moral também são semelhantes, os nazistas utilizaram a suástica, os comensais ostentavam a marca negra.

Tanto a fantasia quanto a realidade criaram seres monstruosos que, cegos pelo poder e por uma falsa pureza, condenaram os diferentes à inexistência e espalharam terror aos que se opusessem ao seu poder. Podemos dizer que Voldemort é a versão fantástica de Hitler.

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 14 – Produção textual

Equipe Corvinal
<p>O papel da mulher na sociedade (Homenagem à Hermione)</p> <p>Ela é única mulher dos três E a mais inteligente, Sempre consertando os desastres. Ela é surpreendente.</p> <p>Mesmo sendo uma trouxa, Se destacou entre todos da escola. Virou uma grande bruxa E uma amiga para toda hora.</p> <p>Protegeu sua família e seus amigos, Fez tudo por eles. Enfrentou muitos perigos. O que seria deles sem seus poderes?</p> <p>Que mulher gigante! É Hermione Granger!</p>

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 15 – Produção textual

Equipe Lufa-lufa
<p>Feminismo (Uma relação entre Hermione Granger e Simone de Beauvoir)</p> <p>A filósofa Simone de Beauvoir é uma grande representante do feminismo, tinha pensamentos críticos e independentes, a frente de sua época. Conhecemos na história do Harry Potter uma personagem que tem muitas coisas semelhantes com a filósofa.</p> <p>A Hermione é inteligente, corajosa e independente assim como Simone de Beauvoir e em Harry Potter ela não faz papel de um adolescente mimada e que precisa de proteção dos amigos, pelo contrário, muitas vezes ela quem protege os amigos Rony e Harry Potter.</p> <p>Simone de Beauvoir disse certa vez que não nascemos mulheres, nos tornamos porque essa condição de ser mulher não é algo biológico, não nascemos assim, mas foi uma condição imposta pela sociedade que diz que devemos agir de uma forma padronizada, tipo, devemos vestir rosa, nos comportar, brincar de boneca.</p> <p>A personagem Hermione mostra o oposto do que a sociedade machista espera do comportamento de uma mulher, assim com Simone de Beauvoir viveu, de forma contrária ao que a sociedade de sua época costumava impor. Mulheres podem ser o que quiserem ser!</p>

Fonte: Dados da pesquisa

Notamos que, durante a aplicação da pesquisa, a sala de aula se tornou um espaço de construção lúdica de saberes, na qual a experiência dialógica entre o conteúdo filosófico, as experiências de vida dos alunos e a imersão que fizeram ao universo fantástico proporcionou momentos de amplo debate e apropriação de conceitos.

A análise e reflexão sobre os conteúdos abordados nas aulas, assim como a experiência com o recurso da Literatura Fantástica contribuiu para que os estudantes percebessem a possibilidade de demonstrar diferentes aproximações do universo fantástico com os fatos e acontecimentos do mundo real, sem que se perdessem no imaginário.

Dando continuidade às nossas ações, aplicamos no oitavo passo - último momento de intervenção com os alunos participantes da pesquisa -, um questionário com questões fechadas e abertas (vide apêndice D) para que pudéssemos analisar a experiência dos estudantes durante o estudo.

Constatamos que 66,7% dos alunos nunca tiveram contato com a Literatura Fantástica nas aulas de Filosofia antes da pesquisa, mas que já haviam lido a obra *Harry Potter e a pedra*

filosofal. Dos alunos participantes, 75,8% disseram que sentiram curiosidade em ler a obra Harry Potter e a pedra filosofal depois de iniciada a pesquisa. 51,5% respondeu que antes da pesquisa nunca haviam feito relação entre Filosofia e a obra trabalhada no estudo. Depois de iniciada a pesquisa 93,9% dos alunos disseram ter finalmente percebido a relação entre a disciplina e a obra supracitada. 87,9% consideraram que a utilização da obra de Literatura Fantástica contribuiu para um melhor entendimento dos conceitos filosóficos abordados durante as aulas e 84,8% disseram que o ensino de Filosofia através da Literatura Fantástica despertou um maior interesse pela Filosofia.

No que diz respeito às questões abertas, nenhum aluno descreveu que a experiência com a Literatura Fantástica nas aulas de Filosofia foi ruim. As respostas variaram entre: “uma boa experiência”, “experiência muito produtiva”, “fantástica” e outras considerações positivas.

Ao serem questionados sobre qual conhecimento conseguiram construir durante as aulas, um aluno respondeu que não conseguiu construir nenhum e o demais responderam que aprenderam sobre ética, existencialismo, conceito de liberdade em Sartre, dentre outros. Alguns estudantes sugeriram que as aulas fossem mais dinâmicas, com brincadeiras, exibição de filmes e que trabalhassem a Filosofia através da Literatura fantástica como propõe a pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Filosofia no Brasil passa por algumas dificuldades essenciais no Ensino Médio, como a rigorosa linguagem com que é transmitido o pensamento dos filósofos aos alunos. O próprio vocabulário erudito dos textos filosóficos originais, distantes da realidade vivida dos estudantes, se torna, para muitos, de difícil compreensão e pouco atrativo.

Como o ensino de Filosofia se configura muitas vezes maçante e distante do cotidiano dos alunos, fomenta-se a ideia de que a disciplina é parte do ensino superior, algo distante das experiências de jovens adolescentes do ensino médio. Talvez, esta ideia seja um dos motivos que levam à resistência de alguns alunos em relação as aulas de Filosofia. Desse modo, percebemos que o ensino de Filosofia necessita de métodos e práticas que diminuam o distanciamento entre a compreensão filosófica e a realidade do aluno. Segundo as OCNS:

A Filosofia cumpre, afinal, um papel formador, uma vez que articula noções de modo bem mais duradouro que outros saberes, mais suscetíveis de serem afetados pela volatilidade das informações. Por conseguinte, ela não pode ser um conjunto sem sentido de opiniões, um sem-número de sistemas desconexos a serem guardados na cabeça do aluno que acabe por desencorajá-lo de ter idéias (sic) próprias. Os conhecimentos de Filosofia devem ser para ele vivos e adquiridos como apoio para a vida, pois do contrário dificilmente teriam sentido para um jovem nessa fase de formação (2006, p. 28).

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio de Filosofia orientam que o ensino de filosofia deva despertar no aluno o interesse pela reflexão filosófica. Seguindo este norte, consideramos, nesta pesquisa, trazer algo próprio do cotidiano dos nossos alunos para que a prática docente pudesse alcançar um ensino de qualidade que objetive aproximar o estudante do universo filosófico.

Propusemos uma metodologia que nos permitisse trazer a Filosofia para o contexto cultural em que estão inseridos os alunos do ensino médio do CEMAT, um recurso próximo da linguagem cotidiana destes estudantes, que concedesse significado a realidade vivida por eles. Esta linguagem mais informal e próxima da vivência cultural dos alunos é comum à literatura que se apresenta como recurso facilitador para o ensino de Filosofia no nível médio, uma vez que proporciona ao aluno um despertar para novos horizontes, amplia seus saberes e o aproxima de outras formas argumentativas como da própria Filosofia.

A utilização da literatura no ensino médio, no caso do nosso estudo, o uso do gênero fantástico enquanto recurso didático para o ensino de Filosofia, se consolidou como uma metodologia que possibilitou ao estudante, partir de um olhar sutil e imagético da literatura mesmo que fabulosa, para a construção de argumentações formais e filosóficas.

Se a narrativa fantástica é, como Todorov conceitua, um momento de hesitação do leitor frente a realidade ou, segundo Sartre, uma maneira que o homem encontrou para refletir sua própria imagem, podemos afirmar que a Literatura Fantástica é uma representação das experiências vividas no mundo real, portanto esta literatura pode conduzir os alunos/leitores ao universo dos “porquês”, às indagações próprias da Filosofia.

É relevante ressaltarmos que Sartre ao escrever seus romances, Platão ao narrar suas alegorias e tantos outros filósofos que buscaram na literatura um meio de propagar seus pensamentos, tiveram a intenção de expor ludicamente os próprios conceitos para conduzir seus leitores à reflexão filosófica. Tomamos o exemplo destes pensadores, e proporcionamos, aos alunos do ensino médio, uma experiência filosófica a partir da literatura fantástica que se configurou como um meio facilitador para o ensino de Filosofia no CEMAT.

A Filosofia e a Literatura são duas margens do mesmo lago, ambas dialogam entre si, pois proporcionam experiências crítico-reflexivas sobre as coisas do mundo. A literatura nos faz imergir num universo de fenômenos reais ou imaginários, possíveis ou não, nos permite reconhecer o real pela fantasia, racionalizar através da imaginação. Já a Filosofia é o desejo do conhecimento, o impulso da razão. Entendemos que a Literatura Fantástica pode ser tomada como um meio categórico para a condução do aluno ao espanto, ao impulso filosófico, além de proporcionar um ensino de Filosofia mais prazeroso e competente para os alunos do nível médio.

Concluímos sob a luz deste estudo, que o recurso metodológico utilizado na pesquisa contribuiu para que os alunos despertassem um maior interesse pelas aulas de Filosofia, além de facilitar a construção de saberes filosóficos e o entendimento dos conteúdos abordados em sala de aula. Consideramos, por fim, que a utilização da Literatura Fantástica nas aulas de Filosofia, proporcionou um processo de aprendizagem mais enriquecedor, tendo em vista o caráter interdisciplinar da pesquisa que envolveu saberes distintos, mas harmônicos, na construção de uma prática didática inovadora e eficiente.

Ressaltamos, ainda, que as análises sobre o ensino de Filosofia, seus desdobramentos históricos e lugar na Educação brasileira, assim como as reflexões acerca do imbricamento entre Filosofia e Literatura, juntamente com a avaliação da nossa proposta metodológica, foram os principais pontos que nos permitiram considerar o uso da Literatura Fantástica como recurso facilitador do ensino de Filosofia no nível médio.

REFERÊNCIAS

ALVES, Dalton José. **A filosofia no ensino médio: ambiguidades e contradições na LDB**. Campinas, SP: autores associados, 2002. (Coleção educação contemporânea).

ARISTÓTELES. **Arte poética**. Trad. Pietro Nasset. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 de dez.1996, p 27.833. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 03/10/2018.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio). Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivo/pdf/14_24.pdf>. Acesso em 03/10/2018.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivo/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em 03/01/2019.

CARTOLANO, Maria Teresa Penteadó. **Filosofia no ensino de 2º grau**. São Paulo: Cortez,1985.

CERLETTI, A. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CRESWELL, John W. **Pojetos de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes, consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2010.

EBERL, Jason T; DECKER, Kevin S. **Star Wars e a filosofia**. Tradução de Felipe C. F. Vieira, Monique D’Orazio. – São Paulo: Universo dos Livros, 2015.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**. Tradução do norueguês Leonardo Pinto Silva. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Filosofia e literatura**. Limiar, vol: 3, nr: 5, 1º semestre de 2016. Disponível em: <<http://www2.unifesp.br/revistas/liliar/pdf-nr5/01>>. Acesso em 12/06/2018.

GALLO, Silvio. **A filosofia e seu ensino, conceito e transversalidade**. Artigo disponível em: <<https://www.academia.edu/37439467>>. Acesso em: 23/04/2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IRWIN, William. **Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para os trouxas**, Coletânea de Gregory Bassham; tradução Giovana Louise Libralan. São Paulo: Madras, 2011.

_____. **O Hobbit e a filosofia**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

KOBASHIGAWA, A.H.; ATHAYDE, B.A.C.; MATOS, K.F. de OLIVEIRA; CAMELO, M.H.; FALCONI, S. **Estação ciência: formação de educadores para o ensino de ciências nas séries iniciais do ensino fundamental**. In: IV Seminário Nacional ABC. Educação Científica. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.ciencia.iao.usp.br/dados/smm/_estacaocienciaformacaodeeducadoresparaensinoeduciencianasseriesiniciaisdoensinofundamental.trabalho.pdf>. Acesso em: 23/07/2019.

LEÃO, Jacqueline Oliveira. **A literatura fantástica e a formação de leitores no século XXI**. Revista Húmus - ISSN: 2236-4358 Set/Out/Nov/Dez. 2011. N° 3 disponível em <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1618/2756>>. Acesso: 03/10/2018.

LIBÂNIO, J. C.; OLIVEIRA, J.F de; TOSCHI. **Educação escolar: política, estrutura e organização**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**. Tradução Carlos Duarte e Ana Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2012.

PLATÃO. **A República**. Tradução Pietro Nasset. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **A nova Heloísa**. Tradução de FULVIA M. L. Moretto, 2ªed. São Paulo: Hucitec, 2006.

PRADO, Lourenço de Almeida. **Educação: Ajudar a pensar, sim: Conscientizar, não**. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

_____. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castelo, 4ªed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TREVISAN, Kathie Mazzutti. **O fantástico na literatura e a receptividade de jovens leitores**. Cadernos PDE. Versão online. ISBN 9788580150940. Volume II. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_port_unioeste_kathiemazzuttitrevisan.pdf>. Acesso em 10/12/2019.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

_____. **Aminadab, ou o fantástico considerado como linguagem**. In: **Situações I**. Trad. Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2005

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre : Bookman, 2001.

APÊNDICES

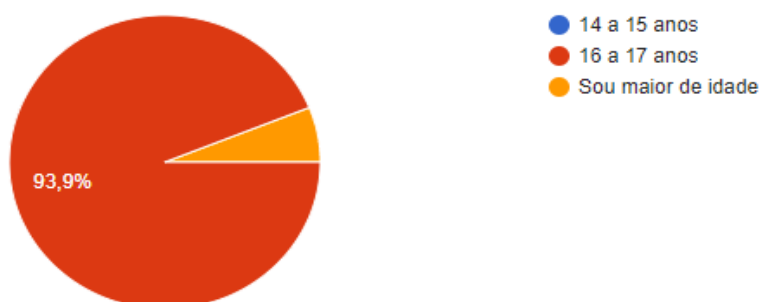
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO E PEDAGÓGICO APLICADO NO PASSO 1, AOS SUJEITOS DA PESQUISA

Prezado estudante!

Gostaria de contar com sua colaboração respondendo a este questionário, cujo objetivo é traçar o perfil socioeconômico dos alunos participantes da pesquisa de pós-graduação intitulada: Literatura fantástica e ensino de filosofia: uma proposta para o ensino médio. O que importa é conhecer as respostas que estão de acordo com sua realidade. Não deixe de responder nenhuma questão!

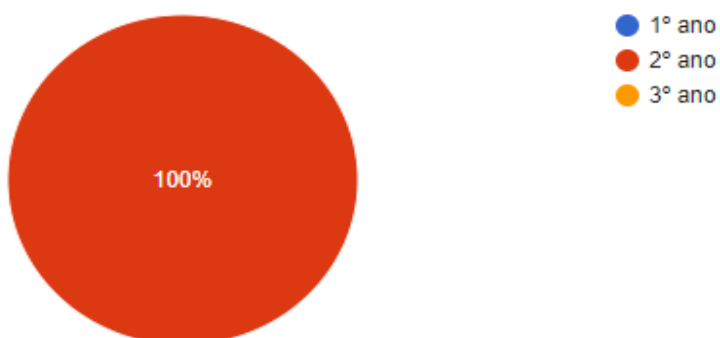
1. Qual a sua faixa etária?

33 respostas



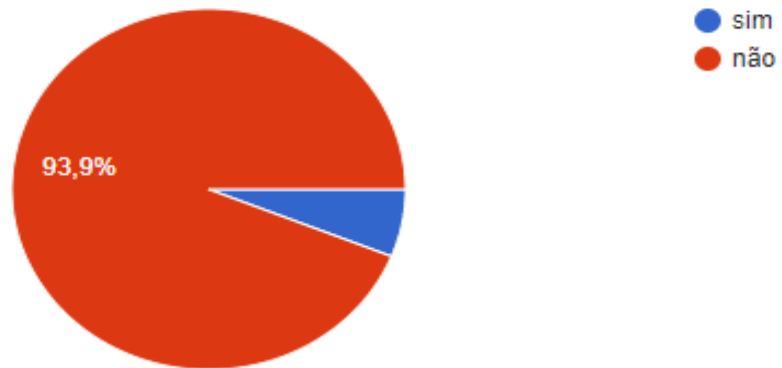
2. Em que ano do ensino médio você estuda?

33 respostas



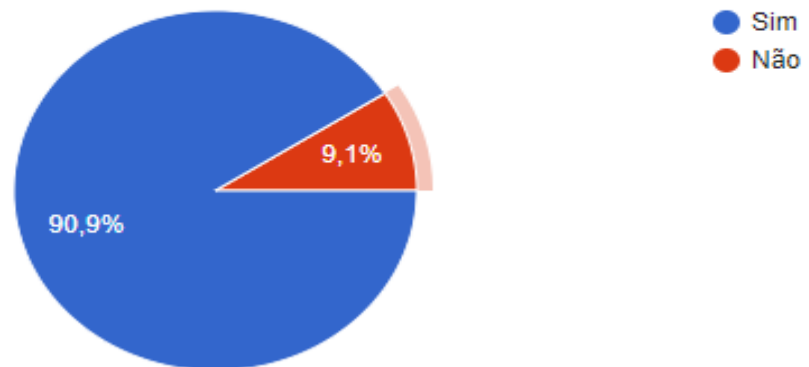
3. Você estuda no mesmo bairro em que reside?

33 respostas



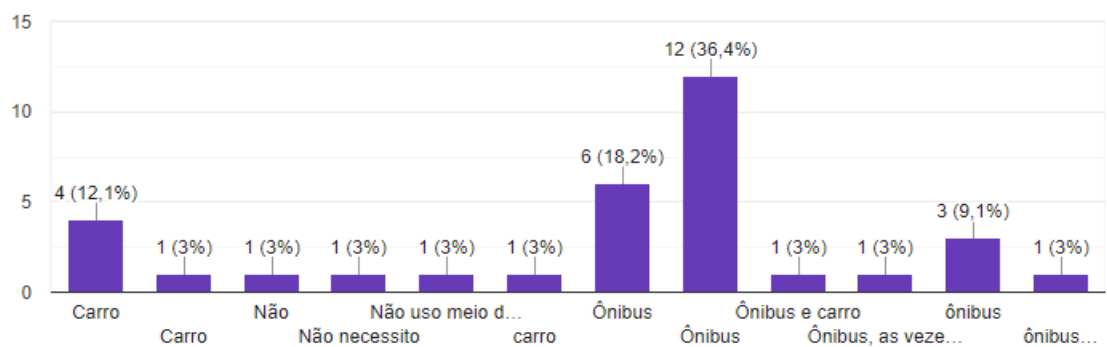
4. Você utiliza meios de transporte para chegar a sua escola?

33 respostas



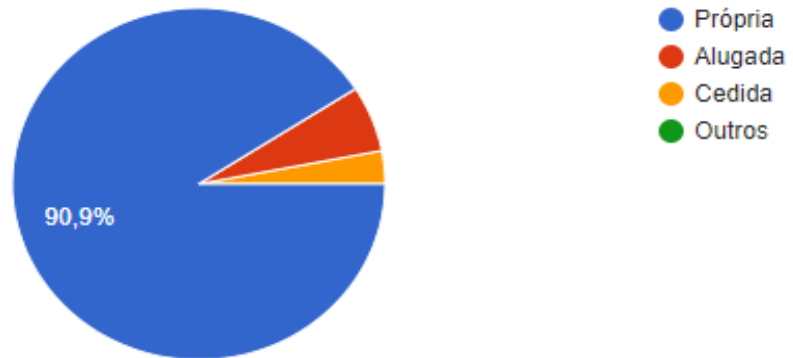
5. Caso a resposta a cima seja positiva, diga qual o meio de transporte utilizado:

33 respostas



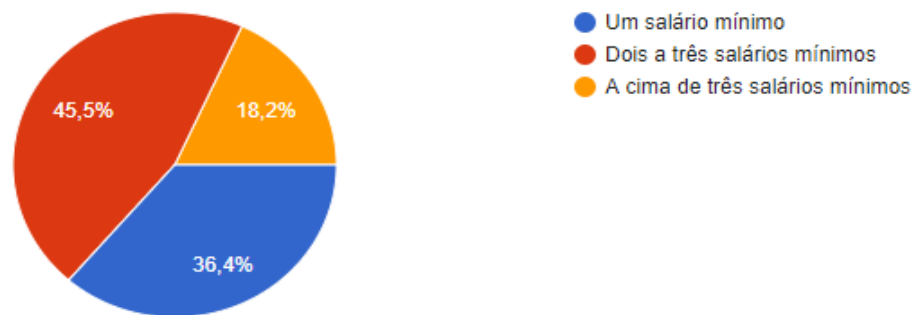
6. Sua residência é:

33 respostas



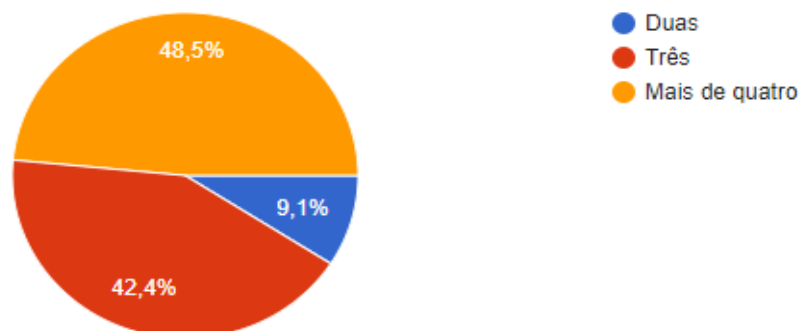
7. Qual é a renda mensal de seu grupo familiar?

33 respostas



8. Incluindo você, quantas pessoas vivem em sua residência?

33 respostas



9. Qual é a sua participação na vida econômica do seu grupo familiar?

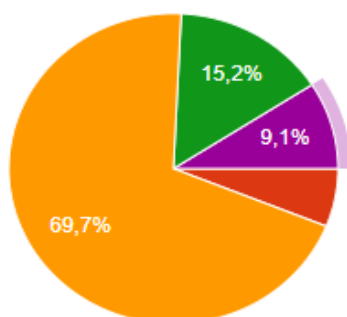
33 respostas



- Não trabalho, somente estudo
- Trabalho, mas recebo ajuda financeira da família ou de outras pessoas
- Trabalho (apenas) para o meu próprio sustento

10. Qual o nível de escolaridade de seu responsável?

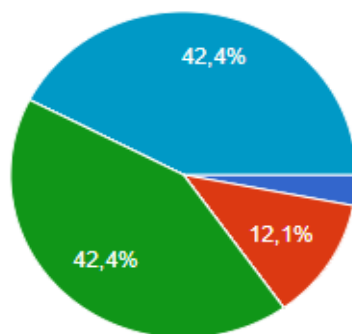
33 respostas



- Nenhuma instrução
- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino superior
- Pós-graduação

11. Qual o meio de comunicação que você mais utiliza para se manter informado?

33 respostas



- Jornal escrito
- Jornal falado (TV)
- Jornal falado (rádio)
- Internet
- Revistas
- Redes sociais

QUESTIONÁRIO PEDAGÓGICO

1. Você tem aulas de filosofia?

33 respostas



● Sim
● Não

2. Sua professora ou seu professor de filosofia possui graduação em filosofia?

33 respostas



● Sim
● Não
● Não sei dizer

3. Você gosta das aulas de filosofia?

33 respostas



● Sim
● Não

4. De acordo com a resposta a cima, fale em poucas palavras, o motivo de gostar ou não das aulas de filosofia:

33 respostas

Tenho apreço pela forma de olhar o mundo e apesar das diferentes opiniões sempre acabo abrindo mais a mente.

As aulas são bem dinâmicas, divertidas.

São divertidas, de fácil intedimento, boa comunicação com a professora.

aprendo de um modo melhor

São aulas dinâmicas que não só reside conhecimentos mas, incentiva e motiva os alunos pela busca do conhecimento.

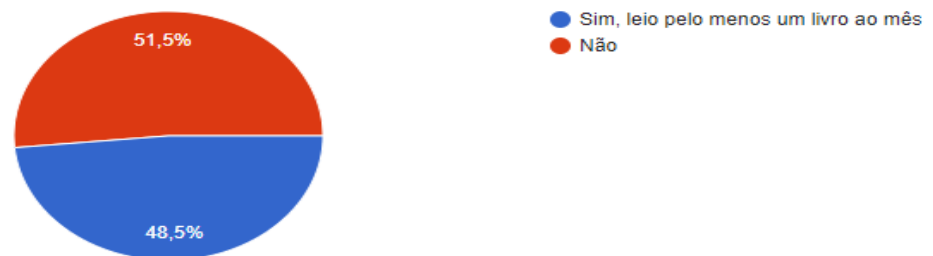
Alem de ser dinâmica é muito legal

Porque me ensina a pensar e agir de forma racional além de me incentivar a investigar e questionar os dogmas e doutrinas que me são impostas.

Eu gosto porque são bem dinâmicas

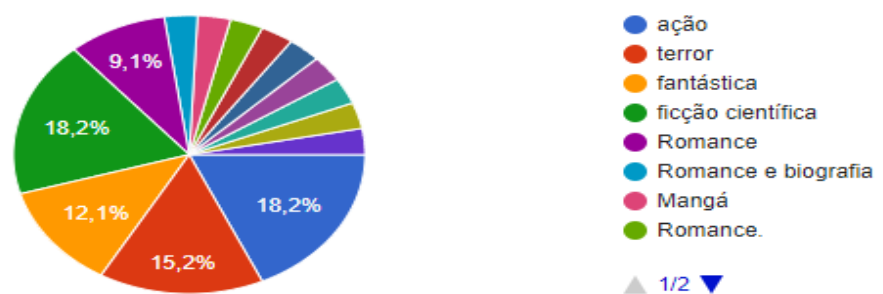
5. Você lê com frequência?

33 respostas



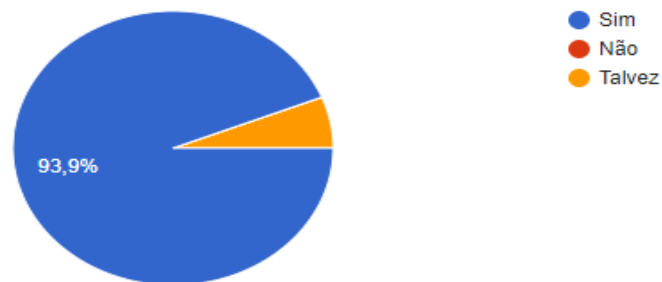
6. Que tipo de literatura você mais gosta?

33 respostas



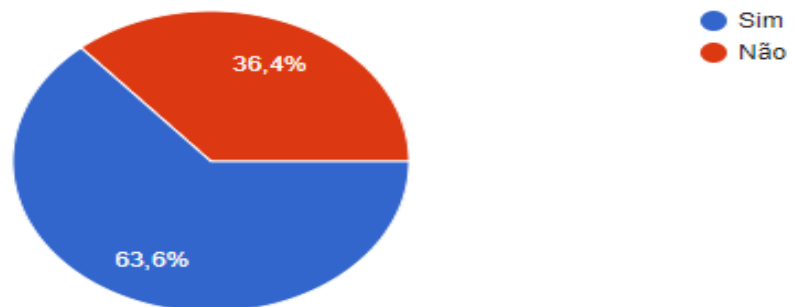
7. Você considera a utilização da literatura no ensino de filosofia um bom recurso didático?

33 respostas



8. Você tem alguma experiência com obras de literatura fantástica?

33 respostas



9. Caso a resposta da questão a cima tenha sido positiva, diga como você teve acesso a literatura fantástica:

33 respostas

Livros e televisão

Através da internet

Amigos

Harry Potter.

Eu tive a curiosidade de ler um livro deste gênero e acabei gostando.

A rainha vermelha

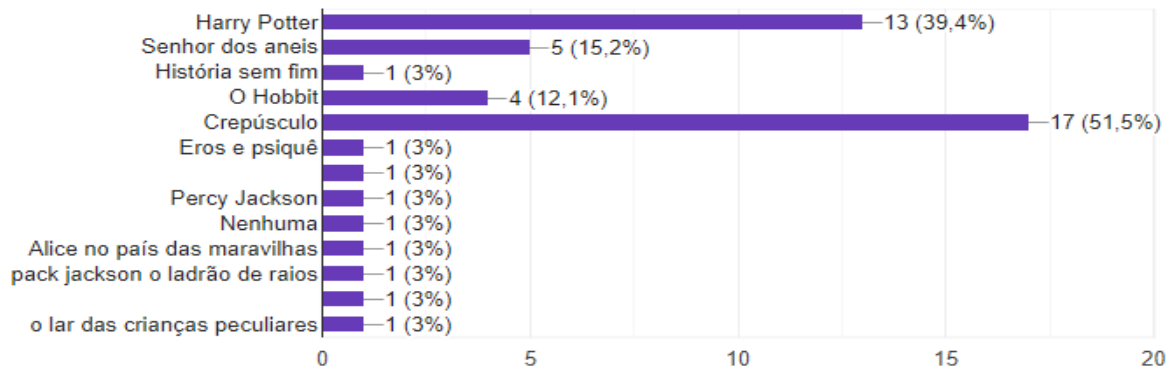
Nunca tive experiência com a literatura fantástica

Celular e depois os livros manuais

Através de um filme

10. Que obras de literatura fantástica você já leu?

33 respostas



11. Caso você tenha lido outra(s) obra(s) de literatura fantástica, escreva o nome dela(s):

12 respostas

Ladrão de raios

Senhor dos anéis

Crepúsculo.

Unika a chama da vida, Peter pan e pequeno príncipe

A rainha Vermelha, A escola do bem e do mal, Alice no país das maravilhas, cidades dos ossos.

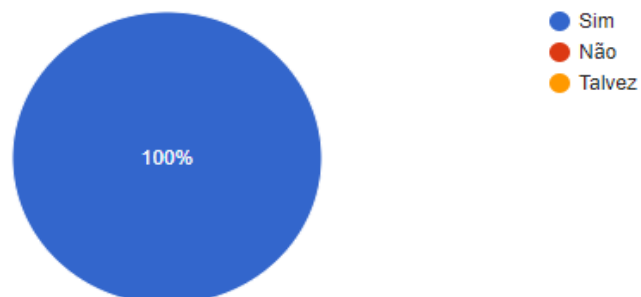
pack jackson o ladrão de raios

Nao apenas crepúsculo

instrumento mortais, o lar das crianças peculiares

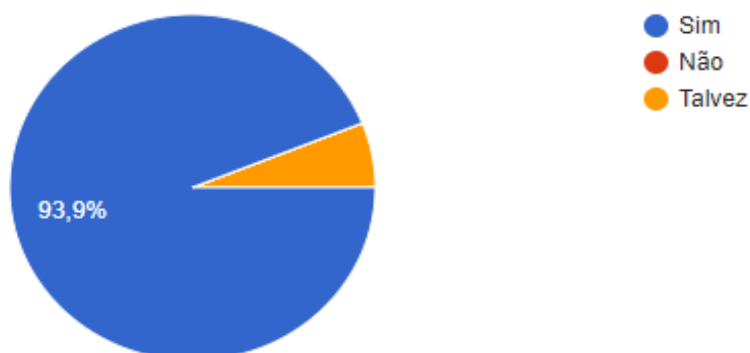
12. Você considera a utilização da literatura no ensino de filosofia um bom recurso didático?

33 respostas



13. Gostaria de aprender filosofia através da literatura fantástica?

33 respostas



14. Escreva, se achar necessário, sugestões de obras de literatura fantástica que você gostaria que fossem utilizadas como recurso didático nas aulas de filosofia:

16 respostas

Crepúsculo

Não acho muito necessário

Harry Potter, Senhor dos Anéis, Hobbit, etc.

O hobbit

Harry Potter

Pequeno príncipe e perce Jackson

A escola do bem e do mal

O guia dos mochileiros da galáxia, jogos vorazes, divergente, Harry Potter, Guerra dos tronos

sim a aula ficará mais divertida e mais fácil de aprender

**APÊNDICE B – QUARTO PASSO: TRECHO PARA LEITURA E REFLEXÃO DA OBRA
HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL (MATERIAL IMPRESSO E
DISPONIBILIZADO AOS ALUNOS)**

HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL

J.K. Rowling

CAPITULO DOZE – O ESPELHO DE OJESSED

Mas Harry só tinha um pensamento na cabeça, voltar para frente do espelho, e Rony não ia detê-lo. Naquela terceira noite ele encontrou o caminho ainda mais rapidamente do que nas vezes anteriores. Andava tão depressa que sabia que estava fazendo mais barulho do que seria sensato, mas não encontrou ninguém.

E lá estavam sua mãe e seu pai sorrindo de novo para ele, e um dos seus avós acenava feliz com a cabeça. Harry se abaixou para sentar no chão diante do espelho. Não havia nada que pudesse impedi-lo de ficar ali a noite inteira com a família. Nada.

A não ser..

— Então, outra vez aqui, Harry?

Harry sentiu como se suas tripas tivessem congelado. Olhou para trás. Sentado em uma das mesas junto à parede estava ninguém menos que Alvo Dumbledore. Harry devia ter passado direto por ele, tão desesperado estava para chegar ao espelho, que nem reparara.

— Eu... Eu não vi o senhor.

— É estranho como você pode ficar míope quando está invisível — disse Dumbledore, e Harry sentiu alívio ao ver que ele sorria.

— Então — continuou Dumbledore, escorregando da cadeira até o chão para se sentar ao lado de Harry — você, como centenas antes de você, descobriu os prazeres do Espelho de Ojesed.

— Eu não sabia que se chamava assim, professor.

— Mas espero que a essa altura você já tenha percebido o que ele faz?

— Bom... Me mostra a minha família...

— E mostrou o seu amigo Rony como chefe dos monitores.

— Como é que o senhor soube?

— Eu não preciso de uma capa para me tornar invisível — disse Dumbledore com brandura.

— Agora, você é capaz de concluir o que é que o Espelho de Ojesed mostra a nós todos?

Harry sacudiu negativamente a cabeça.

— Deixe-me explicar. O homem mais feliz do mundo poderia usar o Espelho de Ojesed como um espelho normal, ou seja, ele olharia e se veria exatamente como é. Isso o ajuda a pensar?

Harry pensou. Então respondeu lentamente:

— Ele nos mostra o que desejamos... Seja o que for que desejemos...

— Sim e não — disse Dumbledore — Mostra-nos nada mais nem menos do que o desejo mais íntimo, mais desesperado de nossos corações. Você, que nunca conheceu sua família, a vê de pé a sua volta. Ronald Weasley, que sempre teve os irmãos a lhe fazerem sombra, vê-se sozinho, melhor que todos os irmãos. Porém, o espelho não nos dá nem o conhecimento nem a verdade. Já houve homens que definharam diante dele, fascinados pelo que viam, ou enlouqueceram sem saber se o que o espelho mostrava era real ou sequer possível. O espelho vai ser levado para uma nova casa amanhã, Harry, e peço que você não volte a procurá-lo. Se algum dia o encontrar, estará preparado. Não faz bem viver sonhando e se esquecer de viver, lembre-se. E agora, por que você não põe essa capa admirável outra vez e vai dormir?

Harry se levantou.

— Senhor... Professor Dumbledore? Posso lhe perguntar uma coisa?

— Obviamente você acabou de me perguntar — sorriu Dumbledore. — Mas pode me perguntar mais uma coisa.

— O que é que o senhor vê quando se olha no espelho?

— Eu? Eu me vejo segurando um par de grossas meias de lã.

Harry arregalou os olhos.

— As meias nunca são suficientes. Mais um Natal chegou e passou e não ganhei nem um par. As pessoas insistem em me dar livros. Foi somente quando estava de volta à cama que ocorreu a Harry que talvez Dumbledore não tivesse dito a verdade. Mas, pensou, enquanto empurrava Perebas para longe do seu travesseiro, fizera uma pergunta muito pessoal.

**APÊNDICE C – QUINTO PASSO – TRECHO PARA LEITURA LÚDICA E DIALÓGICA
(MATERIAL IMPRESSO E DISPONIBILIZADO AOS ALUNOS)**

O CONTO DOS TRÊS IRMÃOS

Era uma vez três irmãos que estavam viajando por uma estrada deserta e tortuosa ao anoitecer... Depois de algum tempo, os irmãos chegaram a um rio fundo demais para nadar e perigoso demais para atravessar a nado. Os irmãos, porém, eram versados em magia, então simplesmente agitaram as mãos e fizeram aparecer uma ponte sobre as águas traiçoeiras. Já estavam na metade da travessia quando viram o caminho bloqueado por um vulto encapuzado. A Morte estava zangada por terem lhe roubado três vítimas, porque o normal era os viajantes se afogarem no rio. Mas a Morte foi astuta. Fingiu cumprimentar os três irmãos por sua magia, e disse que cada um ganhara um prêmio por ter sido inteligente o bastante para lhe escapar.

O irmão mais velho, que era um homem combativo, pediu a varinha mais poderosa que existisse: uma varinha que sempre vencesse os duelos para seu dono, uma varinha digna de um bruxo que derrotara a Morte! Ela atravessou a ponte e se dirigiu a um vetusto sabugueiro na margem do rio, fabricou uma varinha de um galho da árvore e entregou-a ao irmão mais velho. O segundo irmão, que era um homem arrogante, resolveu humilhar ainda mais a Morte e pediu o poder de restituir a vida aos que ela levava. Então a Morte apanhou uma pedra da margem do rio e entregou-a ao segundo irmão, dizendo-lhe que a pedra tinha o poder de ressuscitar os mortos. A Morte perguntou ao terceiro e mais moço dos irmãos o que queria. O mais moço era o mais humilde e também o mais sábio dos irmãos, e não confiou na Morte. Pediu, então, algo que lhe permitisse sair daquele lugar sem ser seguido por ela. E a Morte, de má vontade, lhe entregou a própria Capa da Invisibilidade. A Morte se afastou para um lado e deixou os três irmãos continuarem a viagem e foi o que eles fizeram, comentando, assombrados, a aventura que tinham vivido e admirando os presentes da Morte. No devido tempo, os irmãos se separaram, cada um tomou um destino diferente.

O primeiro irmão viajou uma semana ou mais e, ao chegar a uma aldeia distante, procurou um colega bruxo com quem tivera uma briga. Armado com a varinha de sabugueiro, a Varinha das Varinhas, ele não poderia deixar de vencer o duelo que se seguiu. Deixando o inimigo morto no chão, o irmão mais velho dirigiu-se a uma estalagem, onde se gabou, em altas vozes, da poderosa varinha que arrebatara da própria Morte, e de que a arma o tornava invencível. Na mesma noite, outro bruxo aproximou-se sorrateiramente do irmão mais velho enquanto dormia em sua cama, embriagado pelo vinho. O ladrão levou a varinha e, para se garantir, cortou a garganta do irmão mais velho. Assim, a Morte levou o primeiro irmão.

O segundo irmão viajou para a própria casa, onde vivia sozinho. Ali, tomou a pedra que tinha o poder de ressuscitar os mortos e virou-a três vezes na mão. Para sua surpresa e alegria, a figura de uma moça que tivera esperança de desposar antes de sua morte precoce surgiu instantaneamente diante dele. Contudo, ela estava triste e fria, como que separada dele por um véu. Embora tivesse retornado ao mundo dos mortais, seu lugar não era ali, e ela sofria. Diante disso, o segundo irmão, enlouquecido pelo desesperado desejo, matou-se para poder verdadeiramente se unir a ela. Então, a Morte levou o segundo irmão.

Embora a Morte procurasse o terceiro irmão durante muitos anos, jamais conseguiu encontrá-lo. Somente quando atingiu uma idade avançada foi que o irmão mais moço despiu a Capa da Invisibilidade e deu-a de presente ao filho. Acolheu, então, a Morte como uma velha amiga e acompanhou-a de bom grado, e, iguais, partiram desta vida.

Conto presente no universo fantástico de Harry Potter

APÊNDICE D – OITAVO PASSO: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS SUJEITOS DA PESQUISA APÓS INTERVENÇÃO METODOLÓGICA

Este formulário tem como objetivo levantar as considerações dos participantes da pesquisa de mestrado intitulada Literatura fantástica e ensino de filosofia: uma proposta para o ensino médio, a fim de conhecermos os resultados da pesquisa após a experiência dos participantes com o objeto proposto. Agradecemos sua participação!

Descreva, em poucas linhas, como foi sua experiência com a literatura fantástica no ensino de filosofia.

33 respostas

foi maravilhosa e algo extremamente interessante e novo

Foi fantástico

A literatura fantástica já era algo que me encantava bastante e relacionar ela com a filosofia só tornou ambos os assuntos bem mais interessantes

Incrível, no começo fiquei apreensiva pois não achei que daria tão certo, mais, aprendi a relacionar o que os filósofos falavam e levar em mente o que na fantasia parecia não fazer muito sentido a algo claro e até divertido.

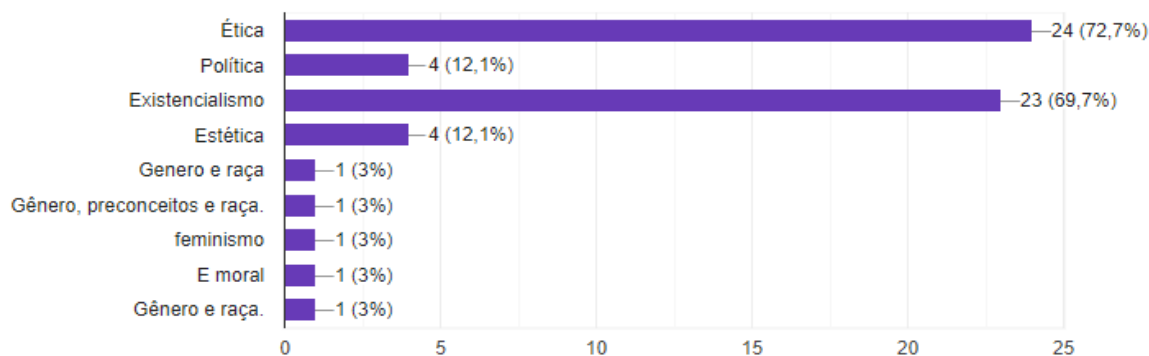
Foi bastante impressionante e legal essa mistura de filosofia com literatura fantástica . Esse recurso busca mais a imaginação do aluno levando sua imaginação no impossível

Foi uma ótima experiência por que me ajudou a aprender mais rápido

Foi bem interessante e diferente, pois essa forma de ensino aplicou meus horizontes em tais conteúdos.

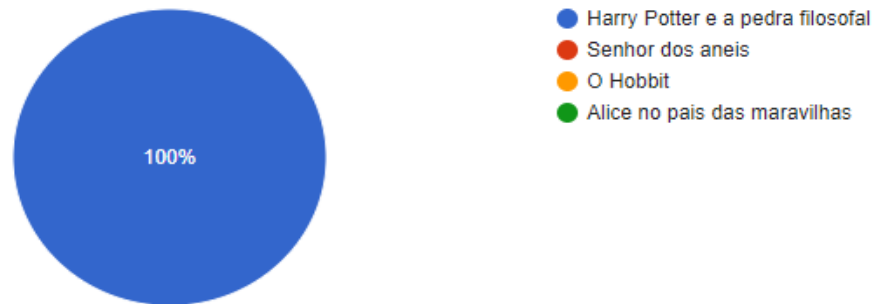
Quais conteúdos de filosofia foram abordados durante as aulas em que foi utilizada a literatura fantástica?

33 respostas



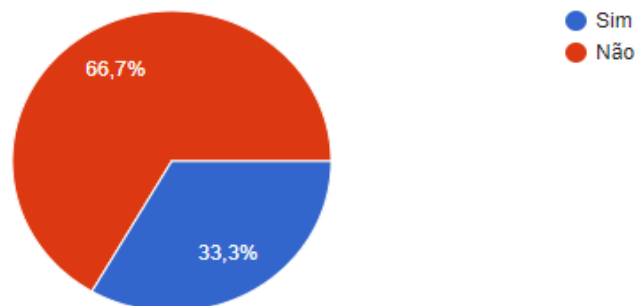
Que obra de literatura fantástica foi utilizada nas aulas de filosofia?

33 respostas



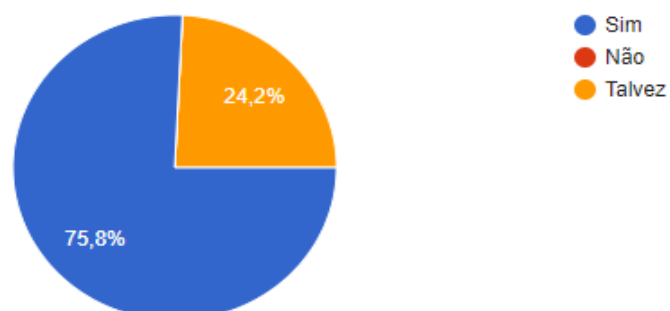
Você já havia lido a obra de literatura fantástica Harry Potter e a pedra filosofal antes da pesquisa?

33 respostas



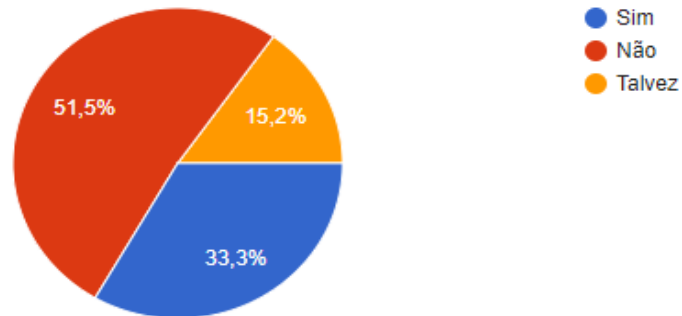
Depois de iniciada a pesquisa você teve interesse em ler a obra Harry Potter e a Pedra Filosofal?

33 respostas



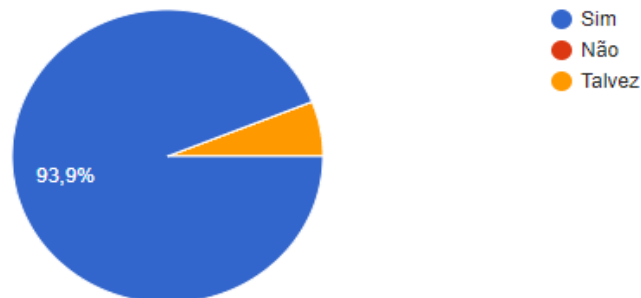
Caso você, antes da pesquisa, teve contato com a obra Harry Potter e a pedra filosofal, responda se havia percebido alguma relação da obra com a filosofia.

33 respostas



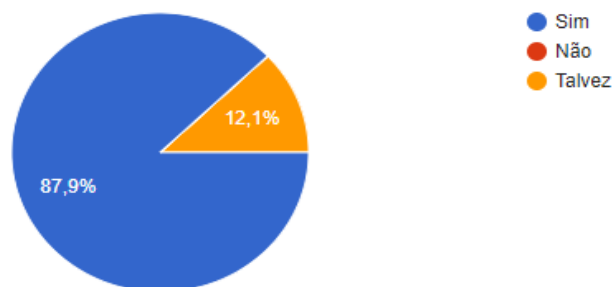
Durante a pesquisa, você conseguiu perceber alguma relação da filosofia com a obra Harry Potter e a pedra filosofal?

33 respostas



Você acha que a utilização da obra de literatura fantástica Harry Potter e a pedra filosofal nas aulas de filosofia lhe ajudou na construção e entendimento de conceitos filosóficos?

33 respostas



Quais conhecimentos filosóficos você conseguiu construir durante as aulas de filosofia através da literatura fantástica Harry Potter?

33 respostas

O ser, em como o nosso ser pode se influenciar pela ambição, a vontade de ter algo ou chegar em algo, trabalhamos nossas escolhas de forma culta em como podemos escolher um caminho que pode nos ajudar tanto para o bem como para o mal

aprofundamento sobre ética e moral

observamos bastante das influências existencialistas e éticas no conto dos três irmãos

De que eu sou livre e isso é uma condenação, tenho escolhas e que sou responsáveis por ela.

Com grandes poderes geram grandes responsabilidades pedra filosofal

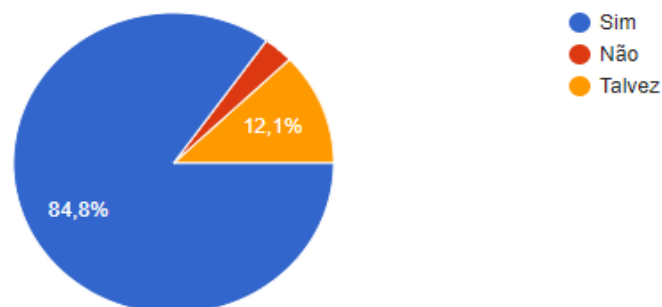
Que nós somos frutos da nossa escolha

Existencialismo de Sartre e kierkegaard, além de questões de gênero e raça baseadas em Voldemort e Hermione.

Que a comparação da filosofia com a literatura fantástica cabem super bem no contexto

O ensino de filosofia através da literatura fantástica despertou em você um maior interesse pela filosofia?

33 respostas



Indique sugestões sobre como devem ser as aulas de filosofia:

21 respostas

Como são: dinâmicas

A relação entre o fantástico e a filosofia poderia ser usado mais vezes de modo que todos entendessem especificado assunto da matéria, usar pra explicar a ética, moral, o ser e nao ser, o escolher ou não.

Mais: Dinâmicas, questionários, livros sobre alguma historia que faça sentido com o que se estuda, rodas de conversas e livre arbítrio.

Já é muito legal a tendência é melhorar mais

Como vem sendo, sempre bem dinâmicas e diretas.

Nem preciso sugerir, as aulas de filosofia já são otimas

Teve ser divertida que fica mais fácil de aprender

Com mais dinâmica, brincadeiras, filmes, documentários

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE COSENTIMENTO PARA ALUNOS MAIORES DE IDADE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
PROF-FILO MESTRADO PROFISSIONAL
 (Aprovado pela Resolução 1476/2009 – CONSEPE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa que tem como responsável o(a) estudante de pós-graduação Maria de Jesus Gonçalves Dominici, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do MARANHÃO (UFMA), que pode ser contatado(a) pelo e-mail marydominici28@gmail.com e pelo telefone (98) 984876556. Esta pesquisa encontra-se sob orientação do(a) Prof(a). Dr(a). Plínio Santos Fontenelle, que poderá ser contatado(a) pelo e-mail fontenelleplinio@gmail.com.

Tenho ciência de que a pesquisa tem como propósito realizar investigações qualitativas e/ou quantitativas (do tipo enquetes, entrevistas, grupos focais, observação participante etc.) com alunos(as), professores(as), dirigentes e comunidade escolar vinculados à Escola Centro Educa Mais Almirante Tamandaré, visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado “Literatura fantástica e ensino de filosofia: uma proposta para o ensino médio”.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita, além de responder questionários para a comprovação da proposta da pesquisa e participar de oficinas de leitura onde construirá conhecimentos de filosofia através da leitura de trechos da obra *Harry Potter*. Entendo que essa pesquisa possui finalidade de investigação acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados em meios científicos, preservando o anonimato dos(as) participantes e assegurando assim sua privacidade. Além disso, sei que posso interromper a participação de meu(minha) filho(a) na pesquisa quando quiser e que ele(ela) não receberá nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura do(a) Voluntário(a)
 São Luís, ____ de _____ de 2019

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ALUNOS MENORES DE DEZOITO ANOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
PROF-FILO MESTRADO PROFISSIONAL
 (Aprovado pela Resolução 1476/2009 – CONSEPE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo que _____

participe, como voluntário(a), do estudo que tem como responsável o(a) estudante de pós-graduação Maria de Jesus Gonçalves Dominici, aluno(a) regularmente matriculado no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do MARANHÃO (UFMA), que pode ser contatado(a) pelo e-mail marydominici28@gmail.com e pelo telefone (98) 984876556. Esta pesquisa encontra-se sob orientação do Prof(a). Dr(a). Plínio Santos Fontenelle, que poderá ser contatado(a) pelo e-mail fontenelleplinio@gmail.com.

Tenho ciência de que a pesquisa tem como propósito realizar investigações qualitativas e/ou quantitativas (do tipo enquetes, entrevistas, grupos focais, observação participante etc.) com alunos(as), professores(as), dirigentes e comunidade escolar vinculados à Escola Centro Educa Mais Almirante Tamandaré, visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado "Literatura fantástica e ensino de filosofia: uma proposta para o ensino médio".

A participação de meu(minha) filho(a) consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita, além de responder questionários para a comprovação da proposta da pesquisa e participar de oficinas de leitura onde construirá conhecimentos de filosofia através da leitura de trechos da obra *Harry Potter*. Entendo que essa pesquisa possui finalidade de investigação acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados em meios científicos, preservando o anonimato dos(as) participantes e assegurando assim sua privacidade. Além disso, sei que posso interromper a participação de meu(minha) filho(a) na pesquisa quando quiser e que ele(ela) não receberá nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura do Responsável
 São Luís, _____ de _____ de 2019

Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Centro de Ciências Humanas – CCH, Bloco 05, 2ª andar. Cidade Universitária. Av. dos Portugueses, 1966. CEP 65080-805, São Luís-MA.
 Telefone: 098-32728307 E-mail: pro-filo@ufma.br